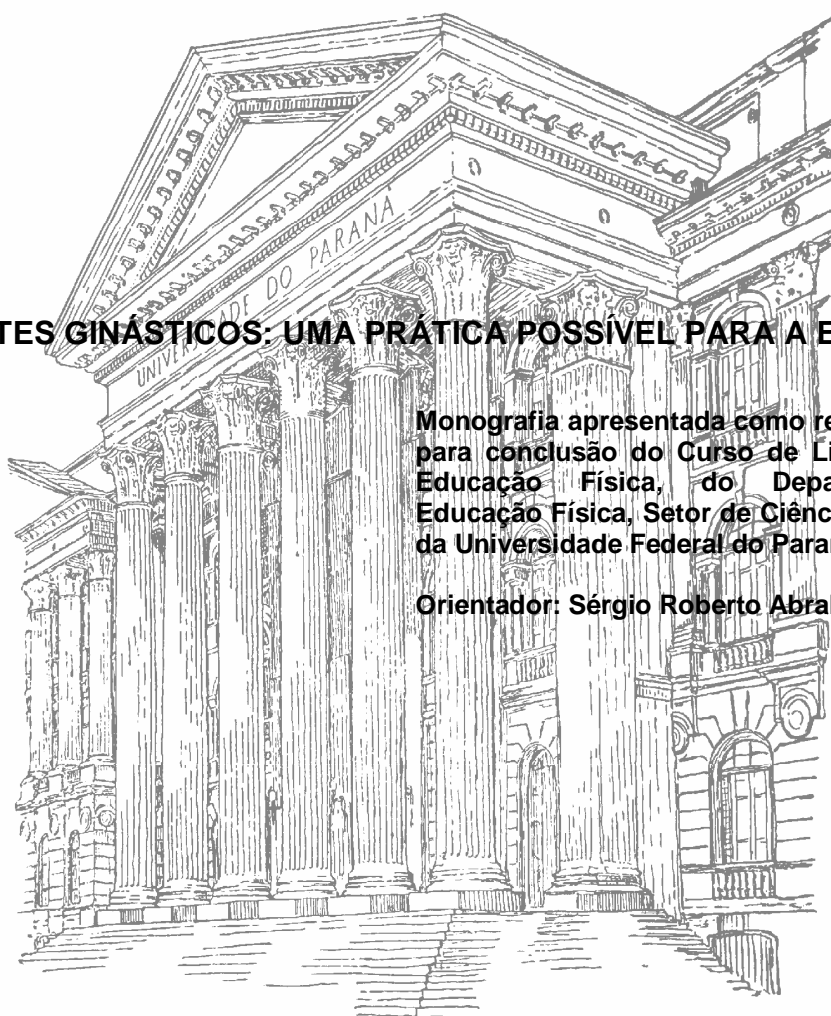


**SILVANA MOREIRA DA SILVA**

**ESPORTES GINÁSTICOS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL PARA A ESCOLA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Sérgio Roberto Abrahão



**CURITIBA  
2006**

**SILVANA MOREIRA DA SILVA**

**ESPORTES GINÁSTICOS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL PARA A ESCOLA**

**Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Bacharel em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.**

**ORIENTADOR: SERGIO ROBERTO ABRAHÃO**

## DEDICATÓRIA

Dedico com carinho este trabalho...

Aos meus queridos pais Santo e Cenira... Motivos da minha existência. Homem e mulher que não mediram esforços para minha criação, que abdicaram de sonhos e conquistas para criar, eu e meus irmãos. Criação que me transformou em uma mulher de caráter e princípios. Papai e Mamãe amo muito vocês e que Deus os abençoe.

Ao homem da minha vida, que renegou muitas noites felizes, para que eu concluísse este trabalho. Ao meu amor (Joaquim) muito obrigado. Amo Você.

Aos meus sogros Genésio e Maria, amigos e companheiros que nunca faltaram quando precisei.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a meu DEUS, Pai e Amigo, que me deu força e coragem para vencer mais essa etapa de minha vida.

Ao meu Pai – acredito estar realizando seu sonho, que nos tirou daquele lugar sem oportunidades (Paraguai), e nos trouxe para cá (Curitiba) para que estudássemos.

Ao Senhor muito obrigado, Papai querido.

A minha Mãe pelas orações, que foram muito preciosas em minha caminhada.

Minha gratidão especial:

Ao meu orientador Sérgio Roberto Abrahão – homem de luz própria e coração puro, que acreditou em mim mais do que eu mesma, obrigado pela sua amizade, paciência e dedicação em me orientar. Dedicação que deu resultado a esse trabalho.

As minhas amigas Patica e Nani e minhas irmãs Dé e Nê que muitas vezes não dei atenção como mereciam. Obrigado pela compreensão.

A minha tia Lurdes que se orgulha tanto da sobrinha.

A minhas amigas de caminhada acadêmica Kelly, Thalita e Ana Paula, pelos dias difíceis que passamos juntas e especialmente pelos dias felizes e divertidos. E em especial agradeço a “asmiga” Daiany que nunca me abandonou nas horas difíceis, “asmiga” adoro você. E também ao amigo Rodrigo pelas boas gargalhadas juntos.

“Seja a mudança que você quer ver no mundo”

GANDHI

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	vii
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	1
1.1 JUSTIFICATIVA.....	1
1.2 PROBLEMA.....	2
1.3 OBJETIVOS.....	2
1.3.1 Objetivo Geral.....	2
1.3.2 Objetivo Específico.....	2
<b>2. REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	3
2.1 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA GINÁSTICA.....	3
2.2 GINÁSTICA GERAL.....	7
2.2.1 A Gymnastrada Mundial.....	9
2.2.2 A Ginástica Geral no Brasil .....	10
2.3. GINÁSTICA OLÍMPICA.....	10
2.3.1 Organização Estrutural da Ginástica Olímpica.....	12
2.3.2 Na Mídia.....	12
2.3.3 Julgamento e Pontuação.....	13
2.4 GINASTICA RITMICA .....	14
2.4.1 A Ginástica Rítmica no Brasil.....	15
2.5 GINÁSTICA ACROBÁTICA.....	16
2.6 CIRCO NOVO.....	17
2.7 ALTERNATIVAS PARA TRABALHAR COM OS ESPORTES GINÁSTICOS.....	19
2.7.1 O papel da Escola.....	29
2.7.2 Papel da Educação Física.....	31
2.7.3 Formação de Professores.....	33
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	37
<b>4. CONCLUSÃO</b> .....	40
<b>5. REFERÊNCIAS</b> .....	41

## RESUMO

A Educação Física é constituída por um amplo leque de modalidades esportivas, que muitas vezes não são trabalhadas pelo professor no ambiente escolar. Este estudo visa buscar alternativas teóricas com o intuito de modificar a prática pedagógica na escola, com a implementação dos Esportes Ginásticos, como conteúdo para as aulas de Educação Física, através de uma proposta de Revisão de Literatura. Um breve resgate histórico e evolução da ginástica foram apresentados. Descreveu-se as modalidades que os Esportes Ginásticos englobam como a Ginástica Geral, Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica, Ginástica Acrobática e Circo Novo. Também indicou-se os principais benefícios que as modalidades podem proporcionar ao educando. Muitas Escolas não possuem os aparelhos específicos dessas modalidades, sendo assim, procurou-se propor alguns materiais alternativos e adaptados. Na continuação tratou-se da formação de professores de Educação Física, particularmente as disciplinas que tratam das manifestações gímnicas. O desenvolvimento do estudo se deu através de Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado, materiais fornecidos pelo Orientador, acervo da biblioteca da UNICAMP. Concluí-se que a exclusão dos Esportes Ginásticos é devido à precária formação profissional acadêmica dos futuros professores de Educação Física. Assim espera-se que esta monografia possa instrumentalizar o professor para que efetivamente implemente, em situação real de ensino, os Esportes Ginásticos na Escola.

Palavras chave: Esportes Ginásticos; Escola; Educação Física.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 JUSTIFICATIVA

Acredita-se que a instituição escolar tem como função, no contexto social que está inserida, proporcionar ao aluno formação integral, isto é, educação das qualidades cognitivas (habilidades intelectuais, intrapessoais e interpessoais) e aquisição e desenvolvimento das qualidades físicas. A Educação Física, vinculada ao processo educacional, tem papel imprescindível na formação do educando, visando atender suas necessidades de desenvolvimento das habilidades e competências, e também fazê-lo refletir acerca da produção de consciência de seu contexto social por meio de sua prática. Portanto, as atividades proporcionadas pela Educação Física devem promover a formação holística do educando.

A realidade que ainda predomina nas aulas de Educação Física é a de professores trabalhando as atividades esportivizadas e tradicionais, como futebol, handebol, vôlei e basquete, que trazem contribuições para a formação do aluno, nesse mundo de grande globalização. No entanto, sabemos que a Educação Física é constituída de um amplo leque de modalidades esportivas, que muitas vezes não são trabalhadas pelo professor. Um exemplo é a ginástica, em uma pesquisa realizada por NISTA PICOLLO (1988) e confirmada por RINALDI e PAOLIELLO (2003, p.4) “mesmo sendo um conteúdo a ser desenvolvido pela Educação Física na escola, sabemos que mesmo nas formas desportivizadas, não vem sendo praticada, de forma expressiva”. E segundo RINALDI (2002) quando esse trabalho acontece, os objetivos não são os esperados, ou seja, uma atividade que contribua para o desenvolvimento global do aluno, e sim a busca de “estrelismos” na modalidade.

Nesta pesquisa visamos explorar o universo dos Esportes Ginásticos, que aqui englobam a Ginástica Olímpica, Ginástica Rítmica, Ginástica Geral, Ginástica Acrobática e Circo Novo, além de explorar os aparelhos e materiais que podem ser usados para trabalhar com o mesmo. Acreditamos que os Esportes Ginásticos, com seu universo gímnico, podem proporcionar valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal da criança, adolescente, jovem, e do homem em geral, (COLETIVO DE AUTORES, 1992). “Sua prática é necessária na medida em



que a tradição histórica do mundo ginástico é uma oferta de ações com significado cultural para os praticantes, onde as novas formas de exercitação em confronto com as tradicionais possibilitam uma prática corporal que permite aos alunos darem sentido próprio às suas exercitações ginásticas”, (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.77). E numa perspectiva pedagógica, defendemos um trabalho intimamente relacionado com as propostas educacionais, atividades gímnicas que proporcione vivências diversificadas, de forma que contribuam para o desenvolvimento e formação integral do educando através de sua prática, e ainda que ele possa explorar e desenvolver com reflexão e criticidade a cultura corporal.

## 1.2 PROBLEMA

- Quais as modalidades dos Esportes Ginásticos podem ser trabalhadas no contexto escolar e quais os principais benefícios da mesma, para a formação do educando?

## 1.3 OBJETIVOS

### 1.3.1 OBJETIVOS GERAIS

- Buscar alternativas teóricas visando modificar a prática pedagógica na Escola, com a implementação dos Esportes Ginásticos, como conteúdo para as aulas de Educação Física.

### 1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever as modalidades Ginástica Olímpica, Rítmica, Geral, Acrobática e Circo Novo.

- Identificar e descrever as modalidades dos Esportes Ginásticos, que podem ser trabalhadas no contexto escolar, além de explorar e apontar alternativas de aparelhos e materiais que podem ser utilizados para o trabalho com os mesmas.

- Proporcionar aos profissionais da Educação Física, uma visão teórica, que oriente a prática dos Esportes Ginásticos na escola.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 HISTÓRICO E EVOLUÇÃO DA GINÁSTICA

Desde a pré-história, o andar, correr, saltar, lançar, faziam parte do cotidiano do ser humano, ou seja, a atividade física tinha papel relevante na sua sobrevivência. “Movimentos cuja repetição proporcionava ao homem grande condicionamento físico e força muscular”, MARINHO (1980, p.29). Confirma PUBLIO (2002, p.2) tal argumento, “a natureza incitava (e incita) o homem ao movimento, portanto ao domínio do corpo, o que o levava e o conduzia a ginástica natural”. Contudo essa repetição contínua de movimentos não o levou apenas ao condicionamento físico e força muscular, mas também à necessidade de aperfeiçoar e treinar esses movimentos, levando com isso à evolução, fazendo-o assim buscar sempre as melhores formas de realizá-los.

“Foi na civilização grega que a ginástica alcançou um lugar de destaque na sociedade, tornando-se uma atividade de fundamental importância no desenvolvimento cultural do indivíduo, definindo o exercício físico e o esporte”, BASSLER (2005, p.25). Acrescenta SOUZA (1997, p. 25) que “na Grécia nasceu a beleza humana (...) onde a prática do exercício físico era altamente valorizada como educação corporal em Atenas e como preparação para a guerra em Esparta”. Os ginastas e atletas gregos praticavam suas atividades físicas nus, pois acreditavam que deste modo se aproximavam da natureza, e o uso de roupas ou artefatos humanos, poderia interferir nesse processo. Já “a civilização romana não via a ginástica com os mesmos olhos que os gregos. Para eles, a ginástica era uma atividade imoral devido à nudez dos praticantes. Os exercícios físicos deveriam ser praticados, porém, com finalidade militar e não mais estética”, é o que afirma STANQUEVISCH (2004, p. 25). Durante a Idade Média o interesse pelo corpo é descaracterizada, em questão do domínio feito pelo Cristianismo. No entanto, os

exercícios físicos foram as bases da preparação militar, para a luta nas Cruzadas, inculcadas pela Igreja.

No séc. XIX o que concretizou a ascensão ao poder à classe burguesa foi a dupla Revolução europeia (Francesa e Industrial), desempenhado assim novos papéis a sociedade.

E nesse período oitocentista a sociedade estava sendo engrenada pela lógica do capital, da produção, possibilitada pela crescente maquinização e industrialização do trabalho e do homem, instalando-se um novo processo pedagógico, com diferentes enfoques sociais, voltados para a classe burguesa e para o operariado, que nesse processo tatuavam seus corpos com as marcas do trabalho fabril. (SOUZA e ARAÚJO 2002, p.1)

Esse grande desenvolvimento urbano tornou as classes populares (detentora da força de trabalho) mais miseráveis, tornando suas vidas degeneradas, higiene, saúde e alimentação adequada, não fazia parte de seu cotidiano. O contrário da burguesia, que enriquecia mais e mais com os benefícios advindos da indústria crescente. “Uma realidade vivida pela maioria da população, fatigada pelo excesso de trabalho, pela precariedade nas instalações industriais, desconsiderando, sobretudo, a condição humana”, é o que acrescenta (SOUZA E ARAÚJO 2002, p. 2).

A deterioração do espaço urbano atingiu principalmente a massa, porém, fez com que a classe burguesa se sentisse ameaçada, pois de um lado havia a organização da classe operária e do outro suas epidemias, que começou também a atingir os ricos. Essa ameaça exigiu providências, uma sistematização mais adequada para o espaço urbano (ordem social). A vontade de (re)construção desta sociedade inculcava a configuração de mecanismos de controle e a construção de novos corpos, pautadas na configuração de técnicas corporais, direcionando os usos do corpo nas instituições modernas. E a ginástica, designada com sua técnica corporal a desempenhar esse papel, na realidade social ali presente.

O método científico baseado na ciência e na técnica serviu como base para sistematizar e estruturar os saberes que permitissem compreender a ginástica. Essa sistematização e estruturação de práticas e saberes (que tinha o objetivo de

modificar as desigualdades sociais), se consolidou como “Movimento Ginástico Europeu”, que segundo SOARES (2004, p.23):

Foi através de observações das práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes e anões despertavam com suas práticas corporais a ausência de utilidade. O corpo ali exibido em movimento constante despertava sentimentos como o riso, o medo, e sobretudo, transpassava o ar de liberdade.

A reformulação desta gestualidade lúdica se achou necessária, pois não condizia com o pensamento burguês, mas serviria, depois de resignificada, para a disciplinarização dos corpos.

A ginástica, considerada a partir de então científica, desempenhou importantes funções na sociedade industrial, apresentando-se como capaz de corrigir vícios posturais, oriundos das atitudes adotadas no trabalho, demonstrando, assim, as suas vinculações com a medicina e, desse modo, conquistando status. A essa feição médica, soma-se outra à ginástica: aquela de ordem disciplinar... e disciplina era algo absolutamente necessário à ordem fabril e à nova sociedade, (SOARES 2001, p. 52)

A partir de 1800 surgiram em diferentes regiões da Europa, escolas que deram origem as primeiras sistematizações da ginástica. Formas distintas de desenvolvimento dos exercícios físicos, e quatro delas se destacaram: Alemanha, França, Suécia e Inglaterra. “A escola inglesa caminhou para os estudos dos jogos, atividades atléticas e esporte” LANGLADE e LANGLADE (1970), o que não trará nenhuma contribuição para o estudo.

Na Alemanha, a ginástica teve como ideologia incitar o espírito nacionalista e formar corpos saudáveis, construída a partir de bases científicas. Em relação ao espírito patriótico, a finalidade particularmente era a defesa da pátria. O país, no início do século XIX, não havia ainda realizado sua unidade territorial, Soares (2004). Segundo MARINHO (1980) J. B. Basedow (1723-1790), foi o precursor da ginástica alemã, porém quem a fortaleceu foi Guts Muths (1759-1839), desenvolveu seu trabalho com o princípio de associar a ginástica à educação intelectual. Muths foi considerado o pai da ginástica pedagógico-didática, defendia uma ginástica para todos (homens, mulheres e crianças), com trabalho diário e que devia ser organizada e difundida pelo Estado.

Outro idealizador da ginástica alemã foi Joahn-Friedrich-Ludwig-Jahn, considerado por PUBLIO (2002) o pai da ginástica. Seus objetivos para a nação

alemã era a formação total do homem. Uma educação moral, higiênica e patriótica repassada através da ginástica. “Seus pensamentos nacionalistas fizeram com que a palavra ginastia fosse alterada para turnkunst, palavra de origem alemã que significava arte ginástica. Também criou algumas palavras técnicas para facilitar seu trabalho (...)”, (LANGLADE e LANGLADE 1970, p.32). Para melhor desenvolver seu trabalho com a ginástica, Jahn criou alguns obstáculos artificiais, “que com o passar do tempo, foram denominados aparelhos ginásticos” STANQUEVISCH (2004, p. 28). Nem todos os aparelhos usados por Jahn era de sua autoria, alguns foram inventados por outras pessoas, porém de alguma forma contribuía com seu trabalho idealizado.

O precursor do método ginástico francês foi o Coronel D. Francisco de Amoros y Ondeano (1770-1848), de origem espanhola, que foi deportado para França pelo apoio que deu ao Exército de Napoleão I na invasão espanhola. “Se fundamentou nas idéias de Jahn e Guts Muths, por isso não tinha como objetivo a prática apenas para a área militar, mas para toda a população civil”, (SOUZA e ARAÚJO, 2002).

As atividades criadas por Amoros tinham suas particularidades, como descreve SOARES (1998, p.30):

As ações corporais praticadas por seus alunos, eram determinadas pela utilidade e precisão, deviam ser muito próximas da vida real. Para demonstrar esta proximidade, desenvolveu um tipo de trabalho no qual seus alunos, a cada mês, praticavam ações corporais, lá aprendidas (ginásio), em bosques, rios, cachoeiras e terrenos acidentados. Com este tipo de trabalho, buscava estabelecer, de forma muito precisa, a relação dos exercícios com sua utilização na vida cotidiana.

Em sua ginástica, Amoros via o canto como complementação do seu sistema de exercícios, que tinha como objetivo desenvolver o aparelho respiratório e as virtudes. Sua base atribuída à música era fundamentada pelos princípios de Aristóteles e Platão. Para compreender a ginástica, Amoros almejava torná-la uma ciência, fundamentada na física e biologia.

A partir dos trabalhos de Amoros e do desenvolvimento da ginástica na França, surgiram vários estudos e pesquisas que tinham a mesma como foco,

estudiosos da biologia, fisiologia e da medicina que contribuíram para melhor explicar o exercício físico. Particularmente se destacou George Demeny (1850-1917).

O método sueco ou escola de ginástica se deu através de Per Henrik Ling (1776-1839), que propôs a ginástica pedagógica ou educativa. “Sua proposta de ginástica submetia o corpo à vontade, considerada educativa e social, com preocupação de satisfazer as necessidades, tanto da alma quanto do corpo. Destinavam-se a ambos os sexos, independentemente da idade e qualidades físicas (...) (MARINHO, 1978). Seu método se baseava na ciência, pautada essencialmente na anatomia e na fisiologia. Por isso, denominado por SOARES (1998, p.63) como sendo o “precursor da Ginástica científica”.

Ling<sup>1</sup> considerava que sua ginástica poderia ser dividida em quatro partes, de acordo com os diferentes fins visados. Assim ela poderia ser:

- a) Ginástica pedagógica ou educativa – aquela que todas as pessoas independentemente de sexo ou idade e até mesmo de condição material e social, poderiam praticar. O seu mais elevado objetivo seria o de desenvolver o indivíduo normal e harmoniosamente, assegurando a saúde e evitando a instalação de vícios, defeito posturais e enfermidades.
- b) Ginástica militar – deveria incluir a ginástica pedagógica, acrescida de exercícios propriamente militares, tais como o tiro e a esgrima, cujo objetivo era preparar o guerreiro que colocaria fora de combate o adversário.
- c) Ginástica médica e ortopédica - que também deveria estar baseada na ginástica pedagógica, visando eliminar vícios ou defeitos posturais e curar certas enfermidades através de movimentos especiais para cada caso encontrado.
- d) Ginástica estética - que, assim como as demais, estaria baseada na ginástica pedagógica, e, para além dela, procuraria o desenvolvimento harmonioso do organismo e seria completada pela dança e certos movimentos suaves que proporcionam beleza e graça ao corpo.

---

<sup>1</sup> Utilizado aqui a estrutura de classificação elaborada por Inezil Penna Marinho no livro **Sistemas e Métodos de Educação Física** (s.d.-c), p. 183 a 188.

BASSLER (2005, p.26) afirma que “R. Laban aperfeiçoou o trabalho de Ling criando um sistema em que a criança podia ser fisicamente educada através de movimentos específicos. A partir disso, muitas escolas uniram este sistema aos fundamentos de Ling para desenvolver as bases da Educação Física escolar”.

## 2.2 GINÁSTICA GERAL

A Ginástica Geral (GG) é parte integrante da família dos Esportes Ginásticos, porém, não se trata de uma modalidade esportiva, mas sim demonstrativa. É reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), tem Regulamento Técnico próprio, que inclui seus objetivos e suas funções junto aos praticantes, ou seja, é regulamentada, porém não há restrições a regras, e os seus praticantes não são classificados como melhores ou piores, como nas modalidades competitivas.

E segundo essa organização, a Ginástica Geral tem objetivos diferenciados, “objetiva favorecer a saúde, a condição física e a integração social e despertar o interesse pela prática de atividade física (...)” (Fédération, 1993, p.3, item 1 – Règlement Technique de Gymnastique Générale) apud AYOUB (2003, p.46), o que não acontece nas outras modalidades da Ginástica, que se dá por processo seletivo e exige técnica e performance do ginasta.

Segundo SANTOS (2001, p.23) a GG:

(...) é um campo bastante abrangente da ginástica, valendo-se de vários tipos de manifestações, tais como danças, expressões folclóricas e jogos, apresentados através de atividades livres e criativas, sempre fundamentadas em atividades ginásticas. Objetiva promover o lazer saudável, proporcionando o bem estar físico, psíquico e social aos praticantes, favorecendo a performance coletiva, respeitando as individualidades, em busca da autopercepção pessoal, sem qualquer tipo de limitação para sua prática, seja quanto às possibilidades de execução, sexo ou idade, ou ainda quanto à utilização de elementos materiais, musicais e coreográficos, havendo a preocupação de apresentar neste contexto aspectos da cultura nacional, sempre sem fins competitivos.

SOUZA (1997, p.38), completa dizendo que “o estímulo à criatividade, ao bem estar e à união entre pessoas são metas da Ginástica Geral, assim como o prazer na sua prática, conseguido ao proporcionar saúde a si próprio, ao comunicar-se, ao encontrar pessoas, ao fazer amigos e diminuir o estresse que diariamente interfere na existência humana”. Conclui-se que essa prática corporal tem como objetivo

vários pressupostos, mas está orientada principalmente a promover o lazer, a interação social e a qualidade de vida.

Para a participação na Ginástica Geral não se leva em conta qualidade física, nível técnico, idade, sexo ou qualquer tipo de limitação, portanto, a GG é uma atividade/modalidade democrática e inclusiva. E “a metodologia de trabalho é adequada ao grupo, de acordo com suas individualidades, possibilitando uma forma adaptada dos movimentos gímnicos, favorecendo, assim, uma maior participação”, STANQUEVISCH (2004, p. 46). E não somente o trabalho desenvolvido pode ser adaptado, mas também outros elementos podem ser introduzidos na composição coreográfica, como materiais alternativos e adaptados.

A FIG (1998) divide os elementos da Ginástica Geral em três grupos de atividades: ginástica com dança, ginástica com aparelhos e jogos, apresentadas através de atividades livres e criativas e sempre fundamentadas em atividades ginásticas. São elas: na ginástica com dança estão a ginástica e dança jazz, aeróbica, condicionamento físico, ginástica especial, danças (populares, moderna, rock), ballet, folclore, jogos dançantes, dança teatro e exercícios aquáticos. Na ginástica com aparelhos aparecem exercícios com e sobre aparelhos, trampolim, roda ginástica, acrobacias, tumbling e exercícios típicos nacionais. Fazem parte do elemento jogo: os jogos de reação, jogos esportivos e jogos sociais. (STANQUEVISCH, 2004, p. 40)

### 2.2.1 A Gymnaestrada Mundial (*Word Gymnaestrada*)

Manifestação mundial oficial da Ginástica Geral organizada pela FIG, que acontece de quatro em quatro anos, com duração de seis dias, entre cerimônia de abertura, apresentações e cerimônia de encerramento, (FIG, 1998) que engloba demonstrações na área da GG.

Esse encontro tem o intuito de “promover, um intercâmbio de idéias a respeito da variedade de enfoques, dentro dos quais a ginástica é desenvolvida nos diferentes países (...), AYOUB (2003, p.51), “possibilitando neste ambiente a multiplicidade de formas e de conagraçamento entre os diferentes povos e culturas”, (ibidem). E neste evento há uma grande riqueza de formas, estilos e tendências nas apresentações, influenciadas por uma variedade enorme de tradições, simbolismos e valores culturais de cada povo. “A Ginástica Geral tem como pressuposto a valorização e o respeito às tradições e á cultura dos povos, ampliando ilimitadamente as expressões possíveis nesta área”, SOUZA (1997, p.35-36).



O termo Gymnaestrada foi criado pelo holandês Johannes Heinrich François Sommer, que significa a essência do evento; “gymna” relacionada a ginástica e “strada” significa caminho, então caminho da ginástica, ou seja, Gymnaestrada seria o caminho que leva os participantes a apresentar as tendências da ginástica.

É interessante ressaltar que neste evento, não há pressão para conquista de medalhas, não há ansiedade pelo desempenho perfeito, mas o que se pode ver é um clima de alegria, descontração, prazer e divertimento que permeia entre os participantes, o que torna o espetáculo mais bonito e mágico. E sem contar que ele “reúne uma grande quantidade de pessoas que por diferentes razões optaram por praticar uma atividade física não seletiva e que não exija um alto nível de performance, ou ainda aqueles ex-atletas que buscam uma forma menos intensa e mais tranqüila de praticar a Ginástica”, SOUZA (1997, p.37).

“Os principais objetivos desse “Festival de Ginástica, Cultura e Divertimento” (Fédération, 1995b), descritos no manual de ginástica geral da FIG (Fédération, 1993, pp.6-10, item 4 - Guide pour la participation à la Gymnaestrada Mondiale)”, apud AYOUB (2003, p.52), são os seguintes:

- Divulgar o valor e a diversidade da GG e fomentar sua difusão pelo mundo;
- Despertar alegria e entusiasmo pelo movimento e estimular o interesse pessoal pela prática de uma atividade física;
- Demonstrar as possibilidades da GG e difundir novas idéias;
- Apresentar os últimos conhecimentos e o desenvolvimento da GG;
- Favorecer o aperfeiçoamento dos instrutores interessados;
- Reunir ginastas de todos os países, contribuindo para maior aproximação e entendimento entre os povos;
- Possibilitar a todas as federações-membros da FIG a apresentação de suas características particulares e concepções nacionais no campo da ginástica, bem como incentivar o trabalho entre as federações;
- Apresentar a ginástica geral ao público, a fim de aumentar a sua popularidade.

### 2.2.2 A Ginástica Geral no Brasil

Segundo as pesquisas de STANQUEVISCH (2004), foi na década de 80 que a GG foi oficializada no Brasil, pela Confederação Brasileira de Ginástica. Sua inserção se deu através de Ilona Peuker alguns anos antes, que através da Ginástica Moderna, adaptou-a as características brasileiras e levou o grupo GUG (Grupo Unido de Ginastas) a participar pela primeira vez da Gymnaestrada Mundial.

### 2.3 GINÁSTICA OLÍMPICA

A Ginástica Olímpica (GO) é caracterizada por um conjunto de exercícios corporais sistematizados, exige técnica específica dos ginastas, produzindo um efeito de imensa beleza, seus movimentos são precisos e graciosos, impressionando quem os vê. O conjunto de exercícios citado acima é desenvolvido em diversos aparelhos, aparelhos oficiais e auxiliares, específicos para a prática do desporto, e são divididos em masculinos e femininos.

Neste esporte olímpico “são exploradas praticamente todas as qualidades físicas do ginasta, mas principalmente força, agilidade, flexibilidade e equilíbrio” BASSLER (2005, p.24). Essa modalidade em nível competitivo exige do ginasta muita disciplina, dedicação, concentração, necessidade muito grande de repetição e auto-domínio do corpo para que tenha um bom desempenho. Porém, não engloba somente esses pressupostos, deve ser considerada a afinidade do ginasta pela modalidade e também sua aptidão específica, que cada pessoa trás dentro de si.

A ginástica olímpica baseia-se na evolução técnica de diversos exercícios físicos nos aparelhos. Explicando melhor, as competições oficiais envolvem seis provas masculinas e quatro femininas, realizadas conforme uma ordem a ser seguida, chamada de ordem olímpica. É o que descreve GUERIERO e MONTAGNER (2005):

#### **Provas Masculinas:**

I - **Solo**: dura entre 50 e 70 segundos e não possui acompanhamento musical, realizada em um tablado de 12x12 metro;

II - **Cavalo com alças**: está a 1,05 m do solo e tem 1,60 m de comprimento, onde se executam movimentos contínuos de círculos e tesouras, sendo que somente as mãos do ginasta podem tocar o aparelho;

III - **Argolas:** estão a 2,55 m do solo, onde o ginasta executa movimentos estáticos na vertical ou horizontal, sendo que as argolas devem sempre permanecer paradas.

IV - **Salto sobre o cavalo:** após as Olimpíadas de Sidney em 2000, o cavalo antigamente utilizado passou por uma transformação anatômica devido ao grau de dificuldade dos exercícios, passando a ser chamado de mesa de salto, com as seguintes dimensões de 1,20 X 0,90 m ficando a 1,35 m do solo, sendo que todos os saltos devem ser executados com repulsão em ambas as mãos sobre a mesa;

V - **Paralelas Simétricas:** estão a 1,75 m do solo, durante a execução da prova o ginasta deve executar movimentos de maior dificuldade quando ambas as mãos não estejam em contato com as barras;

VI - **Barra Fixa:** está a 2,55 m do solo, durante a execução da prova o ginasta deverá manter-se em constante movimento, que variam de giros a mortais retornando a barra.

#### **Provas Femininas:**

I-**Salto sobre o cavalo:** utiliza-se também a mesa como no naipe masculino sendo a única diferença a altura que fica a 1,25 do solo;

II - **Paralelas Assimétricas:** duas barras paralelas ficando a mais baixa a 1,40 m do solo e a mais alta a 2,35 m do solo, podendo a distância entre elas variar, chegando ao máximo de 1,60 m, onde se realizam elementos com giros sobre o eixo longitudinal (piruetas) e transversal (mortais);

III - **Trave de Equilíbrio:** fica a 1,25 m do solo e sua superfície possui apenas 10 cm, onde as ginastas executam movimentos rápidos e lentos, elementos acrobáticos, saltos, giros ginásticos e coreografias.

IV - **Solo:** a ginasta executa a prova com acompanhamento musical (orquestrado, sem canto) com coreografias livres, elementos acrobáticos para frente, lado ou trás assim como também saltos e giros ginásticos.

### 2.3.1 Organização Estrutural da Ginástica Olímpica

Para melhor compreensão do universo da Ginástica, faz-se necessário a análise de sua estrutura organizacional. No âmbito mundial fica à competência da FIG (Federação Internacional de Ginástica) a determinação das diretrizes e normas das competições a nível internacional, é a organização mais antiga e com maior abrangência na área da Ginástica. Seu surgimento foi no decorrer do “Bloqueio Ginástico” (1820 – 1842), “que com a proibição da prática na Alemanha o movimento continuou na Suíça, estimulado por Phocion Clais, culminou com a criação da Sociedade Federal de Ginástica, fundada em 1832, havendo naquele mesmo ano a primeira festa federal chamada Turnfest “ (PUBLIO 2002, p.53).

“Esta modalidade é conhecida sob vários nomes como: Ginástica de Competição, Ginástica de Aparelhos, e particularmente, no Brasil, como Ginástica Olímpica. No entanto, foi com o nome de “*Ginástica Artística*” que realmente se universalizou e criou sua identidade internacional”, (BORTOLETO 2000, p.13).

Desta forma, a Ginástica Artística (GA) que abordamos, neste estudo, é a modalidade esportiva definida oficialmente pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), cuja normatização é descrita no interior do Código de Pontuação (CP) e do Regulamento Técnico, elaborado pelos Comitês Técnicos (CT) Masculino e Feminino, eleitos pela própria FIG.

### 2.3.2 A Ginástica Olímpica na Mídia

A Ginástica Artística Feminina (GAF) brasileira está passando por uma fase de exposição na mídia muito importante para seu crescimento. Nos últimos anos, tal modalidade apresentou, e continua apresentando, resultados muito significativos no cenário internacional, nunca antes alcançados. As vitórias conquistadas pelas ginastas brasileiras, especialmente Danielle Hypólito e Daiane dos Santos, trouxeram a GAF aos jornais e telejornais. (GUERIERO e MONTAGNER, 2005, p.1)

Pondo assim o Brasil em evidência com relação a essa modalidade, mas mesmo assim é um esporte pouco praticado no país, uma prática esportiva que carece de incentivo tanto no setor público como privado. E quando comparada a outras modalidades ou o mesmo esporte em outros países, percebe-se a defasagem, (NUNOMURA, 2003). Vale lembrar que se como esporte ela não é praticada, na escola também não esta sendo valorizada.

### 2.3.3 Julgamento e Pontuação

Os exercícios de cada ginasta são julgados e pontuados por um júri. Existem os elementos obrigatórios em cada aparelho, que todos os ginastas devem praticar ou perderão pontos. O ginasta deve acrescentar outros elementos para obter pontos extras. Todos os exercícios têm um valor inicial, que para os homens é 8.4 e para as mulheres 9.0, (DEL VIGNA, 2006). Então, se o ginasta não acrescentar elementos que valem bônus, seu exercício poderá obter no máximo essas notas, mesmo que sejam executados perfeitamente. O valor de cada elemento e os movimentos obrigatórios de

cada aparelho estão no "Código de Pontos" desenvolvido pela FIG, que são distribuídos entre notas de dificuldade, combinação/ligações, execução e originalidade. Este código muda a cada quatro anos, após as Olimpíadas, tornando-se mais difícil. Os juízes procuram erros de postura, de execução, dentre outros, para deduzir e dar valor a apresentação do atleta.

Explicando, o obrigatório é igual para todos os atletas e definido pelo órgão responsável pela competição; e outro criado pelo ginasta, chamado de livre, composto por pelo menos onze partes. O primeiro conjunto é julgado exclusivamente do ponto de vista de sua execução, ou seja, a figura do ginasta, a fluência do desempenho e a harmonia entre as partes do exercícios. No segundo conjunto, avalia-se o grau de dificuldade dos movimentos, bem como a originalidade e a beleza da composição.

## 2.4 GINÁSTICA RÍTMICA

A Ginástica Rítmica (GR) já foi caracterizada por outros nomes, no início do século XX era chamada de Ginástica Moderna, permanecendo assim até 1972, quando houve a tentativa de mudá-la para Ginástica Rítmica Moderna, tal pedido foi negado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Porém foi aceito um novo nome em 1974, Ginástica Rítmica Desportiva que permaneceu até o ano de 2000, e após os Jogos Olímpicos de Sydney na Austrália tornou-se somente Ginástica Rítmica.

A Ginástica Rítmica é um esporte praticado apenas por mulheres, prioriza os movimentos corporais leves, porém com dinamismo, harmonia e amplitude, expressando sempre a beleza e a plasticidade da ginasta na execução dos exercícios realizados com virtuosismo (...), SARÔA (2005, p.15). Já nos leva aqui lembrar, que para o trabalho na escola não há nenhum problema, trabalhar também com o sexo masculino, pois aqui estamos falando competitivamente.

Porém, particularmente o que encanta nessa modalidade é o fato de juntar a arte do movimento expressivo do corpo com a técnica da utilização ou não de aparelhos a ela característico, somados a interpretação de uma música. E na GR "o acompanhamento musical é indispensável às séries dos exercícios e representa uma

parte inseparável do movimento”, é o que afirma BARROS e BRAGA (1983, p.33), ou seja, deve haver uma junção harmoniosa entre movimento e ritmo, na realização dos exercícios.

“Caracterizou-se por substituir os movimentos mecânicos pelos orgânicos, os métricos pelos rítmicos e os de força pelos dinâmicos. A leveza, o ritmo, a fluência e a dinâmica trouxeram amplas possibilidades de se desenvolver a agilidade, a flexibilidade, a graça e a beleza dos movimentos”, MOLINARI (s/d. p.2) e é essas peculiaridades que a torna diferente das demais ginásticas, evidenciando a beleza dos movimentos através do sexo feminino, conquistando assim o público afora.

Os aparelhos característicos da Ginástica Rítmica são aqui descritos, fundamentados na pesquisa realizada na Confederação Brasileira de Ginástica (2006):

**Bola:** feita de plástico ou borracha tem um diâmetro de 18 e 20 cm e pesa 400 mg a oficial. A característica desse aparelho é a relação mais sensual entre aparelho e corpo exigida, pois as ginastas não podem segurar ou agarrar a bola. Ela deve mover em perfeita harmonia com o corpo. Lançamentos com controle e recuperação com precisão são elementos dinâmicos que valorizam a série.

**Corda:** pode ser feita por qualquer material sintético e seu tamanho é proporcional à altura da ginasta. Esse aparelho possui também nós nas extremidades. Os elementos podem ser realizados com a corda aberta e dobrada, presa em uma ou nas duas mãos, em direções diferentes, sobre diferentes planos, com ou sem deslocamento, com ou sem apoio sobre um ou os dois pés ou sobre uma outra parte do corpo. As ginastas lançam e recuperam a corda executando saltos, giros, ondulações e equilíbrio.

**Arco:** feito de plástico, possui entre 80 e 90 diâmetro interno e pesa pelo menos 300 mg. Deve ser rígido sem se dobrar. O arco define um espaço. Esse espaço é usado plenamente pela ginasta, que se move de acordo com o círculo formado. São requeridas nesse aparelho freqüentes trocas de mãos, e a principal exigência é a boa coordenação de movimentos. O formato do arco favorece rolamentos, passagens, rotações e pontes.

**Fita:** a “vareta” que segura a fita chama-se estilete e é feito de fibra de vidro, mede 1 cm de diâmetro e tem entre 50 e 60 cm de comprimento. A fita é feita de cetim e seu peso não deve ultrapassar 35 mg. Deve ter no máximo 5 cm de largura e 6 metros de comprimento. A fita é longa e pode ser lançada em qualquer direção. Sua função é criar desenhos no espaço. Seus vãos no ar formam imagens e formatos de todo o tipo. Figuras de diferentes tamanhos são executadas em ritmos variados. Cobras, espirais e arremessos exigem da ginasta coordenação, leveza, agilidade e plasticidade.

**Maças:** feitas de plástico, tem entre 40 e 50 cm de comprimento e pesam no mínimo 150 mg cada. Delicadeza das mãos é fundamental para se trabalhar com esse aparelho. As ginastas usam as maçãs para executar rolamentos, círculos, curvas e formar o número máximo possível de figuras assimétricas, combinando-as com várias figuras formadas apenas pelo corpo. Exercícios com as maçãs requerem alto grau de ritmo, coordenação psicomotora e precisão para coincidir as pegadas. É um aparelho particularmente conveniente para as ginastas ambidestras.

Os elementos corporais (giros, saltos, saltito, etc), são apresentados individualmente ou em conjunto de cinco ginastas, (SARÔA 2005, p. 29). Nos campeonatos individuais das categorias juvenil e adulta, a ginasta obrigatoriamente participa de quatro provas (aparelhos) dos cinco. Esses aparelhos são definidos a cada ciclo olímpico.

#### 2.4.1 A Ginástica Rítmica no Brasil

O primeiro contato com a GR foi na década de 50, através dos cursos ministrados pela professora austríaca Margareth Frohlich, porém no mesmo período a professora de origem húngara, Illona Peuker, radicou-se definitivamente no Rio de Janeiro e foi uma das grandes divulgadoras da então Ginástica Feminina Moderna, formando em 1956 o seu primeiro grupo de ginastas, que denominou Grupo Unido de Ginastas (GUG), Federação de Ginástica de Santa Catarina (2006, p.3). E o grupo de elite formado pelas melhores alunas da professora Peuker foram os maiores propagadores da modalidade, através de suas apresentações realizadas por todo o país. E em 1957 participa da segunda Gymnaestrada Mundial, que se realizou em Zagreb na Iugoslávia, sendo o primeiro grupo brasileiro a participar do evento, com participação de dez ginastas, (STANQUEVISCH, 2004).

#### 2.5 GINÁSTICA ACROBÁTICA

A Ginástica acrobática (GA) é um esporte contemporâneo, faz parte da Federação Internacional de Ginástica (FIG) a partir do ano de 2005, por este motivo é pouco estudado e não existe trabalhos científicos a respeito. É um esporte bonito, dinâmico e espetacular. Desenvolve em seus participantes coragem, coordenação, força, flexibilidade, habilidades de saltos, destreza e equilíbrio. Seu nome oficial é Ginástica Acrobática, embora é frequentemente chamada de esportes acrobáticos e acrobacia. Semelhante a Ginástica Olímpica, porém com alguns elementos circenses adaptados para deixar os atletas mais livres para a criação de novos movimentos.

Sendo a mais nova modalidade da FIG (Federação Internacional de Ginástica) como já foi citado anteriormente, as primeiras competições datam em 1973, quando foi fundada a Federação Internacional de Esportes Acrobáticos (IFSA).

E dividida em cinco categorias:

- Dupla Mista
- Dupla Feminina
- Dupla Masculina

- Grupo Feminino (03 integrantes)
- Grupo Masculino (04 integrantes).

Nas competições é necessário que os acrobatas executem três séries, uma de equilíbrio, uma dinâmica e outra combinada. As séries dinâmicas são mais ativas, compostas por mortais, muitos deles impulsionados pelos parceiros. As séries de equilíbrio enfatizam os exercícios estáticos, que requerem além de equilíbrio, muita força; Já a terceira série é uma combinação das duas séries anteriores. Todas as séries são coreográficas e acompanhadas de música, o que ajuda a enriquecer os movimentos do corpo e tornar a apresentação ainda mais interessante.

## 2.6 CIRCO NOVO

O circo é uma atividade corporal secular com difícil precisão de origem dos espetáculos, mas traz no histórico a hipótese de que: “o remoto ancestral do artista de circo deve ter sido aquele troglodita que, num dia de caça surpreendentemente farta, entrou na caverna dando pulos de alegria e despertando, com suas caretas, o riso de seus companheiros de dificuldades, (RUIZ apud TORRES 1998, p. 13).

Como é o mundo do circo? Corajosos engolidores de fogo e espadas; trapezistas cruzando no ar; audaciosos equilibristas, a vários metros de altura, literalmente por um fio; domadores de tigres e leões sem escrúpulo algum... Esse é o imaginário das pessoas quando se fala em circo. Um conjunto de performances onde o principal fator de condução é o risco. Tensão que mantém o espectador ligado ao espetáculo. É o que confirma ARAÚJO e FRANÇA (2005, p. 2), “(...) o fator risco sempre foi o alicerce principal no contexto da arte circense onde, quanto mais perigosa e tensa fosse a performance, maior era seu sucesso entre os artistas e admiradores”. E o elemento risco ainda perdura nos dias atuais.

Porém, não é nosso objetivo descrever a realidade circense, mas sim, colocá-la como uma nova proposta a ser trabalhada no âmbito escolar. Fazer o contato dos aspectos da cultura circense através de atividades teórico-práticas lúdicas, com o intuito de desenvolver a criatividade, o bem-estar e o senso crítico, com um ambiente rico de estímulos e desafios, como é o mundo do circo.

No entanto, distanciá-lo da realidade dos treinos e da lógica do rendimento, e relacioná-lo com as aulas de Educação Física no contexto escolar, pois não há



como negar as distinções entre ambos no trato com este fenômeno cultural. Neste caso, muito diferente do objetivo de conquistar o público, tem-se como intenção uma prática voltada para a formação humana, ou seja, transformar a arte em instrumento lúdico pedagógico.

Segundo GOYAZ (2003), tendo o circo como tema gerador, pode ser trabalhado, explorando criativamente os elementos ginásticos. Pois os elementos básicos da ginástica têm atividades semelhantes aos do circo, e podem ser explorados ludicamente, estruturando-se de forma agradável e excitante, dando espaço para o aluno criar e recriar seus movimentos. GOYAZ (2003, p. 85), complementa que:

Através das tensões provocadas pelas exercitações ginásticas, tendo o circo como tema gerador, os sentimentos serão animados, favorecendo as atividades de lazer. O perigo imaginário, medo e prazer mimético, tristeza e alegria, são produzidos e possivelmente resolvidos nas dinâmicas desenvolvidas ludicamente (...) Portanto, as possibilidades de explorar criativamente os elementos ginásticos através do tema circo são inúmeras, basta abrir espaço para a criatividade sem abandonar a especificidade da ginástica.

Pois aqui vale lembrar que, a ginástica foi estruturada e sistematizada pela ciência e teve como base as artes circenses que com seus funâmbulos apresentavam nas feiras, nos circos, etc, práticas corporais que despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo nos espectadores, uma gestualidade que transpassava o ar de liberdade, com ausência de utilidade. E foi calcada nos princípios de observação, experimentação e comparação que o meio científico realizou a transformação da ginástica, tornando-a com finalidade específica, com útil aproveitamento para a vida do homem. Capaz de curar os vícios e doenças daquela sociedade em pleno desenvolvimento (ao longo do séc. XVIII e XIX), (SOARES, 1998).

“Ainda que pouco explorado nas aulas de educação Física, o circo é um conteúdo que pode ser ensinado tanto quanto qualquer outro elemento da Cultura Corporal, como a dança, os jogos, lutas e esportes”, é o que afirma ABRAHÃO (2006, p. 4), em uma proposta de curso de extensão universitária da UFPR.

Uma sugestão de elementos que podem ser trabalhados no Circo Novo:

- Ginástica Acrobática;
- Tecido Acrobático;
- Trapézio estático;

- Malabares;
- Palhaço.

Nas artes circenses, enquanto manifestação da cultura popular, existe uma linguagem mais voltada para expressão e vivência, e pelo que representa no imaginário dos indivíduos, nas paixões, nos medos, nos desafios e na exibição do cômico e do exótico, por isso a base que orienta esta proposta é a formação de caráter artístico, educacional e cultural.

## 2.7 ALTERNATIVAS PARA TRABALHAR COM OS ESPORTES GINÁSTICOS

Quem não gostaria de atuar em uma escola onde a falta de material não fosse um dos empecilhos existentes para a realização das atividades propostas? Acredita-se que todo professor.

“A Ginástica não tem espaço significativo nas escolas” foi o que afirmou os estudos de NISTA-PICCOLO (1988)<sup>2</sup> citado por RINALDI E PAOLIELLO (2003), confirmado anos depois por BARBOSA (1999), AYOUB (2003), SCHIAVON (2003) e também por RIANLDI e PAOLIELLO (2003). Um dos motivos da não efetivação da Ginástica em geral (que aqui denominamos Esportes Ginásticos) nas aulas de Educação Física nas escolas é a falta de equipamentos e materiais específicos, contudo, segundo NISTA-PICCOLO (1988) outro fator que contribui para a ausência desse conteúdo na instituição escolar é a falta de conhecimento dos professores a respeito da modalidade e suas possibilidades<sup>3</sup>.

No caso da GINÁSTICA ARTÍSTICA (GA) o alto custo do material oficial é um dos fatores que dificulta o desenvolvimento dessa modalidade no ambiente escolar. Segundo SCHIAVON (2003) outro fator que impede esse desenvolvimento é a falta de espaço adequado para instalar os materiais. “Os materiais disponíveis no mercado são de grande porte, alguns fixos no chão e não podem ficar expostos ao tempo, além de necessitar de amplo espaço para serem instalados” (Ibidem, p.76).

---

<sup>2</sup> NISTA-PICCOLO, V. L. **Atividades físicas como proposta educacional para 1a fase do 1o grau.** 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

<sup>3</sup> Assunto que será tratado logo mais no decorrer do trabalho.

“A G.A. é uma modalidade que possui amplo repertório de exercícios que podem ser executados através de combinações entre si (...) é enriquecida pela variedade de aparelhos em que os exercícios podem ser realizados e que se tornam características dessa prática”, (KOREN, 2004, p.57).

Então para o trabalho com essa modalidade sem a disposição de materiais acredita-se que o professor deva usar de sua criatividade e buscar alternativas para trabalhar com o conteúdo com seus alunos, “pois essa modalidade possibilita uma numerosa e diversificada gama de movimentos que atendem aos objetivos gerais da Educação Física escolar”, é o que afirma TOLEDO (1999, p.136), por isso não deve ser descartada por falta de material específico, mas sim se possível adaptar o material oficial ou na existência do mesmo, utilizar outras possibilidades não convencionais de ensino, que possibilitem uma proximidade maior com as características específicas da modalidade e os objetivos da escola.

Na Tese de Mestrado de SCHIAVON (2003) a autora propõe algumas alternativas (materiais alternativos) para se trabalhar com a GA (e GR o que não vem ao caso no momento, porém será o próximo assunto a ser tratado), materiais de baixo custo; de pequeno porte e desmontáveis. Sua proposta é para as escolas que não dispõem de material específico para trabalhar com a modalidade. A primeira opção que dispõe é para o salto, onde propôs o plinto, pois não achou necessário desenvolver um aparelho alternativo, afirmando ser um material comum nas escolas e também por ser utilizado em outras modalidades.

Para o solo sugeriu colchões de solteiro usados, encapados com material impermeável, e ainda lembrou que esse último requisito pode ser realizado pelos próprios alunos ou as mães dos mesmos, (SCHIAVON, 2003). Lembrando que a GA é realizada de duas formas, nos aparelhos e no solo com as mãos livres, e os colchões serão usados nesse momento para auxiliar em alguns exercícios, “pois antes mesmo dos exercícios propriamente ditos da GA é preciso trabalhar os movimentos que servem de apoio e enriquecem os movimentos específicos” que BREGOLATO (2002, p.145) define como posturas básicas e saltos.

A proposta para a trave de equilíbrio foi a construção de um aparelho que possibilitasse a montagem e desmontagem do mesmo, e ainda a regulagem de alturas (para novas possibilidades de movimento), (SCHIAVON, 2003). Já BREGOLATO (2002) sugere alternativas de acesso mais fácil como muro baixo ou

bancos tipo sueco que também são válidos. KOREN (2004), cita alternativas como a autora anterior, porém, propõe mais uma opção, uma viga apoiada em duas gavetas do plinto.

“A GINÁSTICA RÍTMICA (GR) é uma modalidade que busca desenvolver o movimento corporal de forma expressiva unindo-se à música, com objetivo de ensinar e desenvolver, com naturalidade, junto com as capacidades físicas, a coordenação mental-emocional” KOREN (2004, p.83). É praticada com a utilização de pequenos aparelhos manuais: bola, arco, corda, fita e maça. Mas ainda “está sistematizada através de um trabalho rítmico de mãos livres, movimentos como andar, correr, saltar, saltitar, circundar, balancear, equilibrar, girar, ondular e os exercícios pré acrobáticos” é o que completa (KOREN, 2004, p.84).

Contudo, ainda existem os empecilhos que dificulta o trabalho com a GR, que segundo SCHIAVON (2003, p.84) “apesar dos materiais de GR serem de pequeno porte e fácil para guardar nas escolas, eles representam um custo alto para obtê-los em grande quantidade, visando proporcionar aulas mais dinâmicas”. Possivelmente o que se deve encontrar nas escolas, são bolas, cordas e arcos (vulgarmente conhecidos como “bambolês”), que geralmente fazem parte do repertório de materiais dos professores de Educação Física. O professor tem duas possibilidades para trabalhar com a GR, a primeira é trabalhar apenas com os cinco aparelhos oficiais, e a segunda é trabalhar com os materiais oficiais adaptados, quando não existir os mesmos na escola, no entanto, além dos adaptados também pode trabalhar com outros materiais, alternativos por exemplo. “É importante utilizar materiais de diferentes tamanhos, pesos, espessuras, larguras, comprimentos, etc. Esta vivência proporciona um conhecimento amplo, pois a quantidade é um dos caminhos para se chegar à qualidade” (BREGOLATO, 2002, p.180). E falando em utilizar materiais alternativos, MARTINS (2002, p.18) nos propõe um fator importante “o mais importante é criar os aparelhos de acordo com a vontade do grupo, e com a ajuda de todos, pois eles se interessam muito mais pela prática se puderem confeccionar seu próprio material”.

Como já descrito anteriormente, esta modalidade pode ser trabalhada mesmo sem material oficial, pois a construção dos mesmos pode ser facilmente realizada, “até mesmo durante as aulas com os alunos. E o material para construção é acessível e de baixo custo”, é o que afirma (SCHIAVON, 2003, p.30).

O arco, por exemplo, é de fácil construção, segundo SCHIAVON (2003) é preciso apenas de dois metros de eletroduto de tubo liso (conduíte) preto de 0,5 polegadas de diâmetro e para encaixar uma ponta na outra, um pedaço de madeira, e ainda completa, dizendo que pode ser enfeitado com fita isolante e também colocar arroz dentro do cano, para fazer barulho quando movimentado.

As bolas e as cordas são facilmente encontradas nas escolas, como já foi mencionado anteriormente, e mesmo não sendo específicas da Ginástica Rítmica podem ser aproveitadas. Mas as cordas mais indicadas para o desenvolvimento adequado é as de polipropileno (ou cânhamo) sem pontas de madeira, é o que afirma (SCHIAVON, 2003).

Já a fita, para sua confecção serão necessários 4 metros de fita de cetim de 4cm de largura, (onde 60cm serão dobrados e costurados que servirá para dar maior mobilidade à fita), também será necessário um ilhós, por onde passará o girador (que pode ser encontrado em loja especializada em artigos para pesca). Precisaremos também de um estilete, que pode ser substituído por um cabo de mata-mosca, de mais ou menos 30cm. Onde será parafusado um pitão, geralmente usado para pendurar vasos, parecido com um ponto de interrogação. Juntando todos os materiais citados sairá a fita alternativa, (SCHIAVON, 2003).

As maçãs podem ser duas garrafas de refrigerante de 500ml, ou pode ser uma colher de pau, onde na parte mais larga da colher, prender uma embalagem de “yakult” cheio de areia, e para finalizar encapar com fita isolante. Lembrar que deve ser sempre confeccionado em número par.

O acompanhamento musical é uma parte integrante da GR, além disso, é fundamental á vida da criança, KOREN (2004, p.85) afirma que “trabalhar com o ritmo constitui uma das necessidades básicas da criança durante a educação sensorial na fase escolar, portanto, desde a Educação Infantil esse trabalho já pode estar sendo aplicado (...)”.

A participação dos meninos nas aulas de Ginástica Rítmica muitas vezes é restrita porque “, oficialmente a GRD<sup>4</sup> é estritamente feminina, talvez em função dos movimentos serem graciosos e elegantes. A própria cultura coloca que os homens

---

<sup>4</sup> A autora ainda usa o termo GRD (Ginástica Rítmica Desportiva), mas como foi descrito no capítulo anterior esse nome permaneceu até o ano 2000, pois logo após os Jogos Olímpicos de Sidney na Austrália, ele passou a ser designado apenas GR (Ginástica Rítmica).

não devem ser graciosos, confundindo sexualidade com graciosidade”, BREGOLATO (2002, p.181). GAIO (1996, p.35), ainda complementa dizendo acreditar que “o preconceito cultural machista ainda limita o homem em seus movimentos, o que impede de se liberar enquanto ser que se move tanto quanto a mulher, em todas as direções e sentidos, em qualquer atividade motora, sem com isto modificar suas características masculinas”.

Estas afirmações nos permitem lembrar que a mulher não tinha lugar nos séculos passados, no que se referia ao esporte. Nos jogos Olímpicos da Antiga Grécia, por exemplo, ela não podia nem assistir as competições, TUBINO (1992)<sup>5</sup> citado por (GAIO, 1996). E neste sentido, levou o surgimento de modalidades esportivas exclusivamente femininas, excluindo em contrapartida a participação dos homens, (GAIO, 1996).

Mas segundo BREGOLATO (2002), a Escola não deve privar os meninos do conhecimento que a Ginástica Rítmica proporciona. Uma opção que a autora nos dá para estimular os meninos na participação das aulas, é dar características da Ginástica Calistênica<sup>6</sup>, que utiliza aparelhos portáteis e ritmo na execução de exercícios ginásticos. “Podem se dar significados diferentes, como simbolizar uma luta com bastões, ou com a bola, que além dos movimentos da G.R., possibilitá-los a realizar outras habilidades que lhes agrada (cabecear, girar nos dedos, controlar no pé, amortecer na nuca, no peito do pé, etc)”, (BREGOLATO 2002, p. 32).

“Uma das principais características, que diferem a Ginástica Geral das demais modalidades gímnicas de competição, é a amplitude de possibilidades que ela tem e que não limita a participação, seja por idade, sexo ou condição física do praticante”, (STANQUEVISCH 2004, p.65). Sua amplitude de possibilidades se dá por consistir “numa manifestação da cultura corporal que engloba as modalidades da Ginástica (natural, Olímpica, Rítmica Desportiva, Acrobática, etc), integrando-as com outras manifestações culturais (teatro, dança, literatura, folclore, malabarismos, etc), de forma livre e criativa”, (GLOMB e LOPES, 2002, p.3).

---

<sup>5</sup> TUBINO, M.J.G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo, Cortez: autores associados, 1992.

<sup>6</sup>Ginástica Calistênica: onde os exercícios eram acompanhados de música ou de um tambor para marcar o ritmo. Com passos de dança e utilização de alguns aparelhos portáteis como bola, arco e bastão. Possibilitando a participação de homens e mulheres na mesma aula, BREGOLATO (2002, p. 34).

A GINÁSTICA GERAL (GG) enquanto conhecimento a ser tratado na Educação Física Escolar, ou seja, enquanto conteúdo de ensino representa segundo o que já foi descrito anteriormente, uma das modalidades com maior possibilidade de aceitação e desenvolvimento na escola. Pois suas características principais e mais importantes “é o praticante, a liberdade de criação e a não-exclusão (...)” STANQUEVISCH (2004, p. 54), o que de certa forma favorece a integração entre os alunos, pois a prática “oferece um ambiente rico em estímulos e desafios (...)”, “valoriza o trabalho coletivo (...), reconhecendo as potencialidades, respeitando as diferenças e oferecendo oportunidades para a produção e fertilização de idéias” (GLOMB e LOPES 2002, p. 3). Segundo AYOUB (1998) a GG traz com ela a possibilidade de realizarmos o resgate da Ginástica na Educação Física escolar, numa perspectiva de “confronto” e síntese, e também numa perspectiva lúdica, criativa e participativa, ou seja, neste sentido a GG pode ser reconhecida como o caminho mais apropriado para resgatarmos e re-significarmos a Ginástica no âmbito escolar. “Colocando em confronto as tradicionais e as novas formas e exercitação, possibilitando aos alunos uma prática corporal que lhes permita atribuir” (AYOUB 1998, p.127) “sentido próprio às suas exercitações ginásticas” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.77).

Considerando que a escassez de material pedagógico compromete o desenvolvimento da aprendizagem em qualquer área de conhecimento, sabemos que no mundo da ginástica não é diferente, os materiais que fazem parte do repertório das modalidades muitas vezes são de difícil acesso e custo elevado, o que dificulta o trabalho com estes conteúdos. Porém, tanto na Ginástica Geral como nas outras modalidades já descritas é possível trabalhar com outras possibilidades, onde os objetivos também podem ser alcançados, no entanto, este trabalho deve ser consciente e criativo, para que se alcance as metas traçadas, porém que não fuja dos aspectos semelhantes aos aparelhos da modalidade, GLOMB E LOPES (2002).

E para se trabalhar com outras possibilidades na GG a criatividade deve ser a base de todo o trabalho, pois sabemos que a falta de criatividade é um dos empecilhos para uma Educação Física de melhor qualidade. Contudo, para ampliar o leque de opções de trabalho o professor deve desenvolver esse processo juntamente com seus alunos, dando incentivo irrestrito à criatividade, a fim de promover a descoberta de novas possibilidades de ação, enriquecendo assim o

contexto educativo, num ambiente onde todos aprendam e ao mesmo tempo troquem e repassem conhecimento.

E tratando da criatividade nas aulas de Educação Física, TAFFAREL<sup>7</sup> (1985) citado por AYOUB (1998, p.132) afirma que todo ser humano é potencialmente criativo e que o processo da criatividade deve ser desenvolvido através de procedimentos específicos, intencional e objetivamente organizados. Completa dizendo que muitos estudiosos do tema consideram fundamental, para o desenvolvimento da criatividade, a organização de “(...) um contexto que dê aos alunos a possibilidade para que eles se aventurem, explorem, averiguem, expressem, descubram e provem por si mesmos(...)” (TAFFAREL, 1985, p.11) citado por (AYOUB, 1998, p.132). Por isso para se trabalhar a GG no contexto escolar é necessário criatividade e boa vontade, pois ela permite a utilização de vários materiais tanto das outras modalidades que compõem o universo gímnico como de outros materiais que não são específicos, tornando assim infinito o leque de possibilidades.

E para se trabalhar com a Ginástica Geral, alguns autores/as contribuem com algumas sugestões de materiais que podem ser usados para o desenvolvimento do conteúdo nas aulas de Educação Física.

Muitos autores/as sugerem o material alternativo, por ser utensílios que muitas vezes são usados no dia-a-dia e de fácil acesso. BERTOLINI (2002), por exemplo, sugere o barangandão, bambus, jornais, macarrão de piscina, bolas, paraquedas, espaldares grandes. E GALLARDO<sup>8</sup> (1999) citado por BERTOLINI (2002, p.33) ainda completa “a possibilidade de contemplar em uma composição coreográfica o amplo leque de materiais alternativos, aliados à possibilidade de utilização na GG dos conteúdos da cultura corporal, considerando as diferentes formas de Ginástica, os jogos e brincadeiras, esportes, lutas, elementos das danças, experiências de vida, etc (...), potencializa a difusão em escolas e clubes”. AYOUB (1998, p.179) deixa sua contribuição com exemplos de materiais, equipamentos ou

---

<sup>7</sup> TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. **Criatividade nas aulas de Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico: 1985, p. 84.

<sup>8</sup> GALLARDO, J. S. P. **Diferentes olhares sobre a Ginástica Geral: visão pedagógica**. In: Fórum Internacional de Ginástica Geral, Campinas, 1999. p. 29-34.



aparelhos utilizados nas diversas apresentações que a autora observou durante a “10 *Word Gymnaestrada* – Berlim 1995”:

Mesa para saltos, cubos e triângulos de espuma, mini cama elástica, colchonetes, banco sueco, cadeiras de roda (para deficientes), panos e lenços (de inúmeras formas e tamanhos), toalhas, pára-quedas, fitas (com larguras e comprimentos variados), bolas (diferentes tamanhos, de tênis e de outros Esportes, de plástico, de jornal etc), bandeiras, cordas (grandes, pequenas, elásticas), bastões, jornais, revistas, sacos de plástico e de estopa, leques, baldes, latas, vassouras, bonecos gigantes, chocalhos de latas de refrigerante, tambores e tamboretes, direção de carros, máscaras de oxigênio, lanternas, túneis confeccionados com arame e tecido, figuras geométricas de isopor (triângulos, círculos e quadrados), arcos preenchidos com tecidos, patins, chapéus, discos de plástico, guarda-chuvas e guarda-sóis, engradados de refrigerante, bexigas, cadeiras, “pompons”, escadas, câmara de pneu, cornetas de plástico, bóias, pernas de pau, “skate”, rodas de borracha etc.

Provando-nos que para trabalhar o conteúdo da GG a criatividade é fundamental, é ao mesmo tempo nos mostrando que deve ser usada, para que esse processo ocorra com sucesso.

Mas não apenas o material alternativo pode ser trabalhado na Ginástica Geral, GOIS (2002) coloca as manifestações folclóricas como um tema a ser desenvolvido pela GG, as características peculiares de cada região, as diferenças que definem esse país de grande diversidade cultural, “diversidade que acompanha a formação do povo brasileiro e origina suas várias caras, várias artes, vários corpos que revelam riquezas da mais pura miscigenação étnica, produzindo um sincretismo celebrado no dia a dia desse país cheio de sentidos e intenções”, GOIS (2002, p. 20). O folclore brasileiro é visto como componente indispensável para o desenvolvimento da cultura e que deve ser tratado pela Ginástica Geral, manifestações de expressões culturais que devem ser valorizadas e representadas através da GG, é o que afirma (GOIS, 2002).

Já PIERIN (2002) sugere a dança integrativa como opção de trabalho no desenvolvimento da GG, pois “a utilização da dança como estratégia de ensino e de integração na Ginástica Geral, vem ao encontro das características da mesma no que diz respeito à melhoria dos valores e dos relacionamentos entre os praticantes do grupo”, (PIERIN 2002, p.27). E tendo como foco de trabalho a dança, a autora sugere algumas técnicas corporais que devem ser tratadas no desenvolvimento deste conteúdo, que usou como base o Guia de Práticas Corporais do SESC-2002, que apresentam as seguintes características:

- Dança Contemporânea: utiliza todos os recursos da linguagem corporal fundindo várias tendências estéticas e recursos técnicos. Sua prática enfatiza a imagem corporal, criatividade, expressividade e interpretação.
- Consciência Corporal: trabalho de movimentação dirigida à conscientização das partes do corpo (segmentos, músculos e ossos), do que é possível realizar e como fazê-los.
- Dança Educação: tendo Rudolf Laban como idealizador, baseava-se na movimentação a partir das partes do corpo (cabeça, tronco, membros, superfícies e articulações), espaço (níveis, planos, tendões, projeções, progressões e formas), dinâmicas (tempo, espaço, peso e fluência) e ações (cair, soltar, deslocar, inclinar e torcer).
- Danças Circulares: conhecidas também como Danças Sagradas, têm como característica o simbolismo. A organização da movimentação se dá em círculo com as mãos dadas, onde todos os participantes possuem a mesma função, não há hierarquia.

Quando falamos em Ginástica Geral não tem como não citar o trabalho desenvolvido pelo Grupo Ginástico Unicamp (GGU), que se constituiu como uma importante referência para a área da GG no cenário nacional e internacional. O grupo de pesquisa – Grupo Ginástico Unicamp (GGU) foi criado na Faculdade de Educação Física da Unicamp em 1989, e tinha como objetivo, integrar a Ginástica Artística, Ginástica Rítmica e a Dança, dentro de uma proposta de GG. E inicialmente foi formada pelas Coordenadoras Elizabeth Paoliello Machado de Souza e Vilma Leni Nista Piccolo e mais 18 moças, ex-ginastas e bailarinas. Este projeto ainda visava a participação na VI *Gimnasiada Americana* em Bueno Aires – Argentina naquele mesmo ano, (SOUZA, 1997).

E com a participação na *Gimnasiada Americana* o GGU alcançou grande sucesso, e a partir daí incorporou novos integrantes, além de participar de uma série de festivais de Ginástica por todo o país e também fora dele.

Em 1994 o Grupo Ginástico Unicamp foi reconhecido pelo CNPq como grupo de pesquisa, definindo sua tendência pedagógica, tendo como principal objetivo:

(...) de levar ao conhecimento dos alunos e professores das escolas, assim como ao público em geral, o produto das pesquisas sobre as tendências da Educação Física Escolar, através de palestras, cursos e apresentações práticas, oferecendo um “banco de idéias” aos profissionais interessados em modificar e experimentar novas formas de atuação na área escolar e comunitária. (SOUZA 1997, p. 73).

Segundo BERTOLINI (2005, p.73) “no Brasil, o Grupo Ginástico Unicamp é o principal banco de idéias na utilização de materiais alternativos (...). Tornou-se ao longo de 15 anos<sup>9</sup> de existência, uma referência mundial, quando o assunto é criatividade”. Ainda completa dizendo que o GGU “é considerado, atualmente, como

---

<sup>9</sup> Atualmente com 17 anos de existência.

o veículo de experimentação e difusão das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de pesquisa em ginástica geral da Faculdade de Educação Física da Unicamp” (BERTOLINI, 2005, p.73).

Por ser um esporte contemporâneo, não existem trabalhos científicos a respeito da GINÁSTICA ACROBÁTICA, por isso não contribuiremos com alternativas de como trabalhar com a mesma. Porém, não deixa de ser uma opção para se trabalhar na Escola, pois para se trabalhar com a Ginástica acrobática não se utiliza muitos materiais, como em outras modalidades dos Esportes Ginásticos. Espaço apropriado como um gramado e boa vontade é o que se precisa para iniciar o trabalho com a modalidade.

Para falarmos do conteúdo CIRCO NOVO como uma proposta pedagógica a ser trabalhada na Escola, achamos importante fazer um resgate sobre qual o papel que o circo exercia no século XIX. O compromisso que as atividades circenses cumpriam era o de divertir as pessoas, com espontaneidade e muito improvisado faziam do corpo um espetáculo, onde todos os movimentos corporais transpassava liberdade e uma criatividade sem fim, buscavam sempre ultrapassar seus próprios limites para maravilhar e impressionar seus expectadores.

O movimento circense influenciou a construção dos exercícios da ginástica científica, que calcada nos princípios de observação, experimentação e comparação realizaram a transformação da ginástica, tornando-a com finalidade específica, que objetivava a formação de um novo homem, que correspondesse ao desenvolvimento frenético da época, ou seja, “o circo foi negado e de certa forma, sua relação com a ginástica foi mascarada para atender os objetivos daquela época (séc. XIX), GOYAZ 2003, p. 66). Porém, antes de continuar a falar de nossa proposta do Circo Novo, achamos importante ressaltar que não existe estudos realizados em relação ao conteúdo que aqui propomos, o que conseguimos foi fazer uma relação da nossa proposta com o trabalho de GOYAZ (2005) que aborda o tema circo como um conteúdo a ser trabalhado (coloca a relação que tem com a ginástica) nas aulas de Educação Física, contudo vale lembrar que propomos alguns aparelhos e atividades, enquanto a autora o coloca como um todo, ou seja, trabalhá-lo de forma inteira, com todas as atividades e aparelhos que o circo engloba .

O Circo Novo enquanto manifestação da cultura, é um conteúdo que pode ser trabalhado tanto quanto qualquer outro elemento da Cultura Corporal, como a

dança, jogos, luta e esporte “pois suas atividades apresentam uma relação estreita com os fundamentos da ginástica (...)” GOYAZ (2003, p. 78), mesmo o circo não estando incluído no programa de ensino da ginástica, reconhecemos o fascínio que o circo exerce sobre as pessoas, excitando-as de forma agradável, e aqui concordamos com GOYAZ (2005), e é por isso que recorremos a ele para tematizar as aulas, tornando-as mais prazerosas de um modo geral.

A idéia que fomenta esta proposta é de transformar a arte em instrumento lúdico pedagógico, uma prática voltada para a formação humana, que possibilite o contato dos aspectos da cultura circense através de atividades teórico práticas lúdicas, que “ (...) além de contribuir para a formação de indivíduos críticos, criativos e conscientes – tornar o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso, dando possibilidades de que esse estado de prazer ultrapasse os muros da escola” (GOYAZ 2005, p. 73-74). E tendo a consciência de que a Escola é um espaço de transmissão e apropriação de conhecimentos, acreditamos ser a proposta Circo Novo um conteúdo que buscará romper com as aulas tradicionais, mas espera-se também que esse conteúdo amplie os conhecimentos do educando e contribua para formar um cidadão autônomo, consciente e reflexivo, através da prática, trabalhada ludicamente.

### 2.7.1 O papel da Escola

Acredita-se que a instituição escolar tem como função, no contexto social que está inserida proporcionar ao aluno formação integral, isto é, educação das qualidades cognitivas (habilidades intelectuais, intrapessoais e interpessoais) e aquisição e desenvolvimento das qualidades físicas. No entanto, não tem apenas função, mas também o dever de proporcionar aos educandos espaço para que interajam e construam conhecimento, estando cientes que a Escola é um espaço de transmissão e apropriação de conhecimentos, espera-se que os alunos a partir das experiências vividas, nesse ambiente, hajam de forma autônoma e consciente em sua realidade, transformando-a em seu benefício. E segundo o PCN's (1998, p. 130) a educação escolar deve:

Constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de

processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimento.

Segundo CORRÊA e MORO (2004), como agência de socialização, a Escola tem a finalidade de possibilitar o acesso das pessoas ao saber sistematizado e produzido culturalmente. Porém, CORRÊA e MORO (2004, p.88) ainda acrescentam que a instituição escolar apresenta ambigüidades, “a escola pode ser tanto um instrumento de produção da subjetividade, próprias para a produção das desigualdades sociais, como um instrumento de produção de subjetividade que visem romper com essas desigualdades”. Por exemplo, (Durkheim, Althusser, Bourdieu) citados por ABRAHÃO (2004) em suas teorias, tanto positivista como crítica, afirmam que no discurso educativo a Escola trabalha em função do estado. “A sustentação da burguesia no poder somente acontece mediante uma poderosa doutrinação ideológica. A escola figura entre os principais instrumentos de difusão da ideologia burguesa e, portanto, de reprodução de sua dominação” PETITAT (1994, p. 22) In (ABRAHÃO, 2004)<sup>10</sup>. O estado para manter o controle da população e a reprodução das relações de produção, utiliza a escola como aparelho ideológico, que desempenha o papel de mecanismo de reprodução da divisão social, selecionando e titulando a força de trabalho, isto é, ensinando conhecimentos diferenciados para as diferentes classes sociais, (CORRÊA e MORO, 2004).

E dessa forma a sociedade trabalhista, inserida neste contexto, apenas age de forma subordinada e ingênua, pois este processo não permite a emancipação do sujeito como ser social, que desde pequeno é socializado com características necessárias para desempenhar seu papel no processo do trabalho capitalista. E a hierarquia de poderes se dá através de grupos dominantes e subordinados que definem e pressionam uns aos outros numa constante batalha, em resposta as condições sócio-econômicas atuais.

No entanto, segundo CORRÊA e MORO (2004, p.87) “o ambiente escolar pode ser lugar de construção da subjetividade do cidadão – um cidadão crítico, cuja subjetividade se caracteriza pela sua “autonomia”, “independência” e “emancipação”, um cidadão que seja capaz de se situar no contexto social e agir para transformar as

---

<sup>10</sup> PETITAT, André. **Produção da escola/produção da sociedade: análise sócio histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

relações de opressão (...). E os protagonistas desta história, professores e alunos, agentes sociais desse processo, devem agir de forma a valorizar os seus interesses, com o objetivo de superar o caráter meramente reprodutor da escola.

A Escola, “embora não seja eficaz da forma que ela espera ser, é um local extremamente importante, e a causa próxima do renascimento de uma cultura oposicionista de classe” (WILLIS, 1991, p. 217) citado por ABRAHÃO (2004, p. 18)<sup>11</sup>. Por isso ela deve vincular-se aos interesses da classe trabalhadora, comprometer-se a oferecer de forma crítica, conhecimentos mais amplos, práticas pedagógicas comprometidas com a realidade social dos mais desfavorecidos, de forma a promover educação igualitária às classes sociais, promovendo deste modo um mundo melhor para todas as pessoas. “Um olhar crítico para os processos e as atividades desenvolvidas no âmbito escolar podem favorecer a construção de novas redes sociais, contribuindo para transformações sócio-histórico-culturais”, (ABRAHÃO, 2004, p.19). Segundo as perspectivas de PÉREZ GALLARDO (2000, p.84) a instituição Escola, mal ou bem, “ainda é o sistema social que tem mais chances de formar sujeitos críticos, cognoscitivos e capazes de provocar transformações sociais com o propósito de contribuir á organização de uma sociedade mais justa de igualitária”. Mas para que isto ocorra será necessário que o exercício da participação, da reflexão e da crítica seja estimulado, ou seja, deve-se estimular o exercício da cidadania.

### 2.7.2 Papel da Educação Física

Entende-se que Educação Física, vinculada ao processo educacional, tem papel imprescindível na formação do educando, visando atender suas necessidades de desenvolvimento das habilidades e competências, e também fazê-lo refletir acerca da produção de consciência de seu contexto social por meio de sua prática, configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais. Portanto, as atividades proporcionadas pela Educação Física devem expressar um sentido/significado onde se inter-relacionem, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.

---

<sup>11</sup> WILLIS, Paul. **Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

Segundo PCN's (1998, p.28) a tarefa da Educação Física escolar é “garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-la criticamente”. Para CASTELLANI FILHO (1998), compete à Educação Física “dar tratamento pedagógico ao temas da cultura corporal, reconhecendo-os como datados de significado e sentido, porquanto construídos historicamente”. No entendimento de SILVEIRA e PINTO (2001, p.31) “na escola, a função da Educação Física é educar para compreender e transformar a realidade que nos cerca, a partir de sua especificidade que é a cultura de movimento humano”. BETTI (1998, p. 19) entende que a principal tarefa da Educação Física na escola é “introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício, de sua qualidade de vida”.

No entanto, CORRÊA e MORO (2004) em sua obra contestam afirmando que a Educação Física, assim como a própria Escola, desempenha um papel de destaque na educação do homem moderno, e baseando-se na obra de OLIVEIRA (1994)<sup>12</sup> fundamentam com a teoria das pedagogias do consenso e do conflito, onde atribui dois significados sociais para a Educação Física, um que contribuiria para a manutenção e reprodução das relações sociais da sociedade capitalista, e outro que busca a superação dessa relação. Explicitando melhor as pedagogias:

A pedagogia do consenso, por meio da Educação Física Escolar, busca contribuir para a adaptação (socialização) da criança à sociedade atual. Já a Pedagogia do Conflito buscaria proporcionar às crianças o acesso aos saberes culturais sistematizados, analisando-os de forma crítica e buscando qualificar o cidadão para que, pela participação ativa, possa transformar as relações de opressor/oprimido presentes na sociedade, (CÓRREA e MORO 2004, p.104).

A definição de SAVIANI (1988-1991)<sup>13</sup> In CORRÊA E MORO (2004, p.101) é que a Escola nasce com a finalidade de socializar os conhecimentos, produzidos histórica e culturalmente, tendo um papel importante no desenvolvimento da moderna sociedade capitalista, e neste sentido a Educação Física teria a mesma

<sup>12</sup> OLIVEIRA, V. M. **As pedagogias do consenso e do conflito**. Campinas: Papirus, 1994.

<sup>13</sup> SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica; primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.

\_\_\_\_\_. **Da nova LDB ao novo plano nacional da educação: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 1998.

função, pois nasce juntamente com a Escola. E se a Escola é um aparelho que trabalha em função do estado reproduzindo e contribuindo para a manutenção da dominação de classes, a Educação Física também o faz, mas sua finalidade, contudo, estaria mais voltada à manutenção da disciplina do que a proporcionar o acesso ao conhecimento da cultura corporal do movimento humano, é o que ressalta BRACHT (1992)<sup>14</sup> citado por CORRÊA e MORO (2004, p.101).

Contudo sabe-se que é possível também, uma prática pedagógica crítica, que tenha como objetivo formar cidadãos, cientes de seus direitos, e não simplesmente formar trabalhadores conformados. Para a construção da cidadania necessita-se de educadores críticos que proponham ações educativas que levem a vivências de relações solidárias, igualitárias, criativas, críticas e emancipatórias.

### 2.7.3 Formação de Professores

Segundo KOREN (2004), nas várias pesquisas realizadas que apresentaram como foco a análise da prática da ginástica no âmbito escolar, algumas delas revelaram que a maioria dos professores não aplica nenhuma modalidade gímnica em suas aulas, alegando diversos fatores. O primeiro deles é como é enfocada essa modalidade esportiva nos cursos de graduação em Educação Física, seu direcionamento não tem enfoque educacional, mas sim a alta performance. A falta de materiais oficiais é outro empecilho encontrado para a efetivação das aulas, pois alguns professores chegam com a concepção de que somente é possível trabalhar com a ginástica tendo os materiais específicos. A insegurança dos professores fundamentada em despreparo profissional é outro fator que gera desinteresse ao trabalho com as atividades gímnicas. E esses são alguns dos fatores que podem levar ao conceito de que a ginástica é elitizada e classificada como um esporte de alto nível, que pode ser trabalhada apenas de forma competitiva.

AYOUB (2003) acredita que a negação da ginástica enquanto conteúdo da Educação Física pode estar localizado em dois aspectos: a sua tradição de orientação militarista e a sua associação a ginástica espetacular sem contar com a associação com a Educação Física esportivizada. “Atualmente, a ginástica como

---

<sup>14</sup> BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.



conteúdo de ensino, praticamente não existe na Escola brasileira. Aula de Educação Física na Escola tem sido sinônimo de aula de esporte. Mais ainda: sinônimo de “jogar bola”, completa (AYOUB 2003, p.81).

Porém, o principal fator que inquieta é que a ginástica embora apareça nos currículos dos Cursos de Licenciatura em Educação Física em variadas manifestações gímnicas, como afirma RINALDI e PAOLIELLO (2001) em um artigo que teve como tema “da Ginástica à formação superior a Ginástica na escola: buscando entendimento da realidade”, esse conteúdo da cultura corporal é praticamente inexistente no meio escolar, ou seja, o problema está nas instituições de formação superior, pois podem até constituir e realizar o trabalho com as atividades gímnicas, porém, esse trabalho com as disciplinas gímnicas é tratado de forma técnica, ligada ao desporto de competição, atendendo muitas vezes ao mercado de trabalho e não à Escola, e principalmente, “há uma desconsideração com o caráter pedagógico como objetivo principal”, é o que complementa (RINALDI e PAOLIELLO, 2001, p.3).

Por isso apontamos aqui, como um dos principais fatores da não efetivação dos Esportes Ginásticos na Escola, a falta de comprometimento das instituições com os projetos da Escola e da educação, que muitas vezes descarregam no mercado de trabalho, profissionais em abundância todo ano, que apenas está ali para transmitir seu conhecimento de forma mecânica e repetitiva, como mero transmissor dos conteúdos, sem compromisso algum com o papel político pedagógico que o educador deve ter.

O professor deve, em sua prática de sala de aula, despertar no aluno a busca da construção de seu conhecimento, intervir como mediador desse processo. Segundo CUNHA (1999, p. 111) a produção do conhecimento é “entendida aqui como a atividade do professor que leva à ação, à reflexão crítica, à curiosidade, ao questionamento exigente, à inquietação e à incerteza. É o oposto do conhecimento pronto, acabado. É a perspectiva de que ele possa ser criado e recriado pelos estudantes e pelos professores em sala de aula” ou nas quadras, como é o caso da Educação Física. A escola serve para a criação do saber e não simplesmente para o repasse deste.

E fazendo uma relação da ginástica com essa afirmativa, podemos afirmar que tendo a Educação Física a tarefa de garantir o acesso do educando às práticas

sociais da cultura corporal, e a ginástica estando inserida no contexto da Educação Física, ela é uma ferramenta importante da Educação Geral, podendo contribuir para a construção de conhecimentos, oferecendo instrumentos para que os alunos sejam capazes de refletir conscientemente. Por isso GLOMB e LOPES (2002, p. 6) afirmam que:

Inúmeros conhecimentos e representações aparecem e se transformam ao longo do tempo, com novos significados e formas de expressão, constituindo o que chamamos de cultura corporal. Desta forma, a ginástica deve ser valorizada, conhecida e desfrutada por fazer parte de um vasto patrimônio cultural.

E vários estudos realizados comprovam que as disciplinas relacionadas à ginástica são constituintes em quase todos os cursos de Educação Física, mas muitas vezes não há o comprometimento com a escola, autores como BONETTI (1999)<sup>15</sup> In RINALDI e MARTINELLI (2000, p.5); BARBOSA E SOUZA (1999); RINALDI e PAOLIELLO (2001); RINALDI e PAOLIELLO (2003); NUNOMURA e NISTA-PICOLLO (2003); confirmam essa afirmativa. Mas é preciso mudar essa realidade, buscar alternativas para suprir essas lacunas existentes no processo profissionalizante que automaticamente se reflete na instituição escolar. E para que a ginástica se legitime no âmbito escolar e se torne um conteúdo como os esportes com bola, como o futebol, handebol, basquete e vôlei e seja trabalhado tanto quanto eles, é preciso que os futuros docentes tenham uma formação adequada para que na escola atuem conscientemente.

E lembrando das produções já existentes que surgiram como defesa da ginástica no espaço escolar, esforços de pesquisadores que vêm divulgando suas pesquisas em eventos, revistas, livros entre outros, citamos RINALDI e PAOLIELLO, (2003, p.1) afirmando “que um dos caminhos para a concretização da ginástica como conteúdo da educação física escolar seja a promoção de pesquisas para conhecer a realidade e a partir daí acontecer uma possível intervenção. BARBOSA (1999) concordam e acrescentam dizendo que “é necessário que pesquisas relacionadas com o conhecimento gímnico sejam realizadas, pois a área ainda é carente de reflexões, objetivando com isso adquirir subsídios para entender e poder influenciar a situação atual dessas disciplinas”, ou seja, a Ginástica,

---

<sup>15</sup> BONETTI, A. **Da Ginástica que se tem, para a Ginástica que se quer.** Rev. Bras. Ciências do Esporte, Florianópolis, v 21, n. 1, p. 592-599, 1999.

enquanto conteúdo da Educação Física, está em crise e é objeto de inquietações atualmente, mas que está levando a investigações e de certa forma favorecendo para que esta situação mude, e legitime a ginástica como conteúdo educacional.

No entanto RINALDI E MARTINELLI (2000, p. 2) lembram que “apesar desses avanços, acredita-se que muito há por fazer para que aconteçam mudanças significativas na formação profissional na área da Ginástica, pois as mudanças são construídas historicamente e, para tanto, é preciso um esforço coletivo”. E os estudos já realizados contam como pontos positivos para essa realidade, como dizem as autoras, as mudanças são construídas historicamente e num esforço coletivo, e estes estudos ainda vem a contribuir como subsídio para a produção de novas pesquisas, e bem como discussões acerca do assunto.

Contudo, a forma como são tratadas as disciplinas relacionadas às manifestações gímnicas nas instituições superiores é outro fator relevante e que deve ser questionado. Pois muitos currículos presentes nos cursos de Licenciatura de Educação Física tratam as disciplinas gímnicas de forma técnica, porém RINALDI e PAOLIELLO (2001, p.3), entendem que “o profissional, em qualquer campo de atuação, deva exercer uma intervenção pedagógica” e este entendimento se baseia na afirmação de KUNZ et al (1998, p.52) que salienta:

Os cursos de Licenciatura plena foram originalmente concebidos como uma das possíveis modalidades de aprofundamento e de habilitação docente (para atuar na educação escolar) em uma determinada área do conhecimento (...). Porém, essa modalidade de aprofundamento começou a ter o seu processo de formação distorcido no âmbito da Educação Física.

E para que essa realidade do conteúdo da ginástica nas Escolas modifique, acreditamos que as instituições superiores de Licenciatura em Educação Física não devem esquecer do compromisso de formar professores-educadores. Professores, educadores comprometidos com a intervenção pedagógica e cientes de seu papel de formação humana, e não repassadores de conhecimento mecânico e repetitivo. Terminamos com a afirmação de CUNHA (1999, p.70) “a forma de ser e de agir do professor revela um compromisso. E é esta forma de ser que demonstra (...) a não-neutralidade do ato pedagógico”.

### 3. METODOLOGIA

O desenvolvimento do estudo ocorreu através de pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, onde foram verificadas as contribuições acerca do assunto, também os estudos que tiveram esse tema como referencial.

O referencial foi obtido de livros, artigos, Teses de Doutorado, Dissertações de Mestrado, Monografias, anais e revistas. Um dos principais referenciais que serviu como base para o estudo foi o site: <http://www.libdigi.unicamp.br//>, pois o site dispõe de várias Teses de Doutorado e Dissertações de Mestrado, referentes ao assunto aqui estudado, além de que a UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas é considerada como sendo uma das melhores Universidades do Brasil e reconhecida Internacionalmente. Contudo ainda se obteve contribuição do site [www.boletimef.com.br](http://www.boletimef.com.br) que dispõe de publicações e artigos relacionados a Educação Física e das bibliotecas: DEF, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Unicenp, além de materiais fornecidos pelo Professor Orientador.

#### 4. CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou apresentar os Esportes Ginásticos como uma proposta teórica para o espaço escolar, esperando que as mesmas sejam inseridas neste espaço numa situação real de ensino. E no decorrer da pesquisa encontramos alguns autores que defendem a proposta da Ginástica na Instituição Escola como nós, RINALDI e PAOLIELLO (2003, p.160) é um exemplo:

(...) a ginástica tem o potencial de promover ricas experiências aos educandos, no sentido de possibilitar uma educação comprometida com a relação do homem no mundo e com o mundo. O ensino desta na escola, sua importância no processo educacional e de formação humana, os objetivos deste ensino, os conteúdos a serem desenvolvidos e as possibilidades metodológicas deveriam fazer parte das preocupações dos profissionais que atuam neste espaço educacional.

Em nossa proposta procuramos identificar algumas alternativas e sugestões possíveis de aparelhos e materiais a serem utilizados nas modalidades que englobam os Esportes Ginásticos. Alternativas e sugestões de aparelhos adaptados e alternativos para que esse conteúdo não deixe de ser trabalhado no ambiente escolar e particularmente, nas aulas de Educação Física. Sabemos que a falta de aparelhos e materiais é um dos principais empecilhos que levam à exclusão das modalidades dos Esportes Ginásticos.

Vale ressaltar que os Esportes Ginásticos, como conhecimento a ser tratado na Escola, não desvaloriza a importância de outros esportes, como conteúdo de ensino. No entanto, espera-se que nossa proposta e ainda, as alternativas e sugestões de aparelhos e materiais que aqui foram sugeridas, ajude os professores a repensar sua prática e deixar de restringir as aulas de Educação Física apenas a algumas modalidades esportivas. Sabe-se que as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia são muitas, principalmente nas Escolas públicas, e que muitas vezes levam o professor à “impotência” como afirma AYOUB (1998, p.147), e também leva a uma acomodação, assim, não buscando ações criativas, transformadoras no seu trabalho, permanecendo na “mesmice pedagógica”, (ibidem, p.148).

Contudo, sabe-se também que o professor é o mediador de todo processo de formação do educando, é ele que direciona o educando para o conhecimento, para o saber elaborado. Então quando o professor permanece na mesmice pedagógica, como cita AYOUB (1998), não agindo com compromisso político e pedagógico, ele

apenas torna seu ato mecânico e descontextualizado com a realidade social. CUNHA (1999, p.95) afirma que “todos os professores tem um comportamento político, mesmo que este não seja consciente. Mas poucos agem de forma intencional, procurando espaços de transformação na sociedade”. Todo professor é um agente social, protagonista das transformações e implementações das políticas educativas, porém ele deve estar ciente disto e agir para que tais transformações e implementações aconteçam.

Abordando o papel da escola e da Educação Física que, muitas vezes trabalham em função do Estado, mas que também pode promover a construção de conhecimento, e para isso suas práticas pedagógicas devem estar comprometidas com as causas sociais, de forma a promover uma educação igualitária, ou seja, promovendo deste modo um mundo melhor para todos. E tratando deste tema muitas vezes polêmico, nos deparamos com a formação de professores que também inquieta muitos profissionais, aqui tratamos particularmente das manifestações gímnicas. Com base nas pesquisas realizadas, constatamos que o conteúdo ginástica é tratado pelas Instituições de Ensino Superior, de forma técnica, ligada ao desporto de competição. As Instituições preparam os futuros docentes para atender ao mercado de trabalho e não para suprir o ambiente escolar. Profissionais muitas vezes despreocupados com o desenvolvimento global da criança, desenvolvem somente as habilidades específicas, e acabam especializando a criança precocemente para ser um atleta, mesmo que a criança não esteja preparada. “Isto parece acontecer porque, os currículos são idealizados enquanto licenciatura, mas fazem parte dele disciplinas fechadas que se afunilam no desporto de competição”, (RINALDI e PAOLIELLO, 2001, p.2). Ou seja, o descomprometimento é iniciado na Instituição Superior que é refletido na Escola, através do trabalho do professor, que desconsidera o caráter pedagógico como objetivo principal de suas aulas. Apenas repassa um conteúdo com ênfase num movimento mecânico e repetitivo.

É necessário mudar essa situação. Universidades com mais comprometimento social, que busquem formar profissionais reflexivos, conscientes de seu papel, a partir de uma nova compreensão do trato com o conhecimento dos saberes docentes. Desfazer esse círculo vicioso em que a Universidade reproduz a escola que por sua vez reproduz a formação profissional, (RINALDI e PAOLIELLO, 2003). Com relação às disciplinas relacionadas às manifestações ginásticas

tratadas nas Universidades, espera-se que este estudo contribua de forma a mudar a realidade no espaço universitário e escolar, pois somente é possível buscar uma nova legitimidade para o conteúdo ginástica na Educação Física escolar, mudando o processo de formação dos professores, formar professores educadores, indivíduos comprometidos com a intervenção pedagógica e cientes de seu papel político na formação humana.

A formação humana, segundo PÉREZ GALLARDO (2000, p.81) “tem relação com o desenvolvimento da criança como pessoa, capaz de ser procriadora, junto com as outras, de um espaço humano de convivência social desejável”. Educando com consciência social, capaz de pensar o todo e procurar soluções para seus problemas; capaz de dizer sim ou não com segurança do que quer, ou seja, dono de seu próprio futuro. Um ser capaz de viver o auto-respeito e o respeito pelos outros, pois ninguém vive sozinho, mas sim em sociedade. E este processo só será possível se houver intervenção do professor como mediador, atitudes que levem o aluno a vivenciar os valores humanos, de forma que ele se situe como protagonista de seu futuro próximo. A função educativa do verdadeiro educador nunca deve ser neutra, mas sim, vinculada com as questões sociais.

Espera-se que nosso questionamento toque o lado crítico dos professores, pois tanto o espaço escolar como a prática da Educação Física necessitam de educadores com visão crítica aberta, para construir juntamente com os alunos a cidadania, o direito à igualdade a todos os seres humanos, sem exclusão. Assim espera-se que esta monografia possa instrumentalizar o professor para que efetivamente implemente, em situação real de ensino, os Esportes Ginásticos na Escola.

## 5. REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, S. R. **A relevância dos jogos cooperativos na formação dos professores de Educação Física: uma possibilidade de mudança paradigmática.** Curitiba, 2004. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Federal do Paraná.
- ABRAHÃO, S. R. **Circo Novo - Proposta de Curso de Extensão Universitária da Universidade Federal do Paraná.** Curitiba, 2006.
- AYOUB, E. **Ginástica geral e educação física escolar.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- AYOUB, E. **A Ginástica Geral na Sociedade Contemporânea: Perspectivas para a Educação Física Escolar.** Campinas, SP [s/n.], 1998. Tese de Doutorado apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- ARAÚJO, M.M.; FRANÇA, R. **A busca da Excitação no maior Espetáculo do Mundo.** Curitiba, 2005. Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do Curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Paraná.
- BARBOSA, I. P. **A ginástica nos cursos de licenciatura em educação física do estado do Paraná.** 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BARROS, D.; BRAGA, H. **Ginástica e Música.** Rio de Janeiro: Rythmus, 1983.
- BASSLER, L. C. **Análise qualitativa dos métodos global e parcial no processo ensino-aprendizagem-treinamento das habilidades motoras da ginástica artística.** Curitiba, 2005. Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- BERTOLINI, C. M. **Ginástica Geral na Escola: uma proposta pedagógica desenvolvida na rede estadual de ensino.** Campinas, SP [s/n.], 2005. Dissertação de Mestrado apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas: papirus, 1998.
- BREGOLATO, R. A. **Cultura Corporal da Ginástica.** São Paulo: Ícone, v.2, 2002.
- BORTOLETO, M. A. C. **O caráter Objetivo e Subjetivo da Ginástica Artística.** Campinas, SP: (s. n.). 2000. Dissertação de Mestrado apresentado a Universidade Estadual de Campinas.



CASTELLANI FILHO, L. **Política Educacional e Educação Física**. Campinas, Autores Associados, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Federações: relação das modalidades**. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br>>. Acesso em: Jun/2006.

CORRÊA, I. L. S.; MORO, R. L. **Educação física escolar: reflexão e ação curricular**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

CUNHA, M. I. da. **O bom professor e sua prática**. 8 ed. Campinas: Papyrus, 1999.

DEL VIGNA, E. **Conhecendo a Ginástica Olímpica**. Relação das modalidades. Disponível em: <http://www.ginasticas.com/> >. Acesso em: Jun/2006.

DIAS, João Carlos Neves de Souza e Nunes; ARAÚJO, Allysson Carvalho de. **Corpo, técnica corporal e conhecimento: reflexão sobre a construção do corpo na ginástica**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 8., 2002, Ponta Grossa. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. Anais... Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

FEDERAÇÃO DE GINÁSTICA DE SANTA CATARINA. **Relação das modalidades**. Disponível em: <http://www.fgsc.com.br/site/hpn/modalidades/index.asp>. Acesso em: Jun/2006.

GAIO, R. **Ginástica Rítmica Popular: uma proposta educacional**. S.P.: Robe, 1996.

GLOMB, M. A. P; LOPES, V. A. F. **Alternativas de materiais pedagógicos para a prática da Ginástica Geral**. Curitiba, 2002. Projeto Fazendo Escola apresentado à Secretaria Municipal da Educação.

GOIS, A. A. F. **Manifestações Folclóricas na Ginástica Geral**. Campinas, 2002 p. 20-25. In: I Fórum Estadual de Ginástica Geral.

GOYAZ, M. **As possibilidades e limites da ginástica no campo do lazer**. Campinas: [s.n], 2003. Dissertação de Mestrado apresentada a Universidade Estadual de Campinas.

GUERIERO, E. C.; Montagner, P. C; **A Ginástica Artística Feminina competitiva: breve revisão de literatura e estudo de caso com equipes de 03 cidades da**

**região metropolitana de Campinas-SP.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N° 90 - Noviembre de 2005.

KOREN, S. B. R. **A Ginástica vivenciada na escola e analisada na perspectiva da criança.** Campinas, S.P.: [s.n.], 2004. Dissertação de Mestrado em Educação Física, UNICAMP.

KUNZ, E. et el. **Novas Diretrizes Curriculares para os Cursos de Graduação em Educação Física: justificativas - proposições - argumentações.** Rer. Bras. de Ciências do Esporte. Vol 20 (1), 1998.

LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly Rey de. **Teoria General De La Gimnasia.** Editora Stadium, Buenos Aires, 1970.

MARINHO, I. P. **A ginástica brasileira.** 2. ed. Brasília: [s.n.], 1982

\_\_\_\_\_. **História geral da Educação Física.** São Paulo: Cia Brasil Editora, 1980.

\_\_\_\_\_. (s.d.-c) **Sistemas e métodos de Educação Física.** 3. ed. [S.l.: s.n.].

MARQUES, C. P. **A segurança na Ginástica Olímpica.** Curitiba, 1981. Monografia apresentada a Universidade Federal do Paraná.

MARTINS, M. T. B. **Prática pedagógica em Ginástica Rítmica.** Campinas, 2002, p. 13-19. In: I Fórum Estadual de Ginástica Geral

MOLINARI, A. M. P. **Ginástica Rítmica: esporte, história e desenvolvimento.** Relação das modalidades. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/esportes4>>. Acesso em: Jun/2006.

NUNOMURA, M.; NISTA PICCOLO, V. L. **A Ginástica Artística no Brasil: reflexões sobre a formação profissional.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 175-194, 2003.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

PÉREZ GALLARDO, J. S. **Educação Física: contribuições à formação profissional.** 3 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

PIERIN, L. **Dança Integrativa como um dos componentes da Ginástica Geral.** Campinas, 2002, p. 28-29. In: I Fórum Estadual de Ginástica Geral.

PUBLIO, Nestor Soares. **Evolução Histórica da Ginástica Olímpica.** Phorte Editora, Guarulhos – SP, 1998.

RINALDI, I. P. B.; MARTINELI, T. A. P. **A produção do conhecimento em ginástica na formação profissional: oito anos de Combrace.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 13, n. 1, p. 210-217, 2000.

RINALDI, I. P. B.; PAOLIELLO, E.M. S. **A Ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 3, p. 159-173, maio 2003.

RINALDI, P. B., PAOLIELLO, E. M. S. **Da Ginástica na formação superior para a Ginástica na escola: buscando o entendimento da realidade.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Campinas, v. 17, n. 5, 2001.

SANTOS, J. C. E. **Ginástica Geral: Elaboração de coreografias, Organização de festivais.** São Paulo: Ed. Fontoura, 2001.

SARÔA, G. **A História da Ginástica Rítmica em Campinas.** Campinas, SP: (s.n.), 2005. Dissertação de Mestrado apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

SCHIAVON, L. M. **O Projeto Crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na escola.** Campinas, SP [s/n.], 2003. Dissertação de Mestrado apresentado a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

SILVEIRA, G. C. F. da; PINTO, J. F. **Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica.** Rev. Brás. Ciências do esporte, v.22, n.3, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física – Raízes Européias e Brasil.** Ed. Autores Associados, Campinas – SP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Imagens da Educação no Corpo.** Autores Associados, Campinas, 1998.

SOUZA, E. P. M. **Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física.** Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, Campinas (São Paulo), 1997.

STANQUEVISCH, P. **Possibilidades do corpo na ginástica geral a partir do discurso dos envolvidos,** Piracicaba, SP : [s. n.], 2004. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências da Saúde para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

TOLEDO, E. de. **Proposta de Conteúdo para a Ginástica Escolar: um paralelo com a Teoria de Coll,** Campinas, SP: [s.n.], 1999. Dissertação de Mestrado em Educação Física, UNICAMP.

